

P U X A V I D A

(Mannomann)

de Volker Ludwig, Reiner Lücker
e equipe do Teatro Grips

Tradução: Gilka Elvira Ponzi Girardello e
Heidede Emily Liede



Personagens: Patrícia
Cláudio
Ana Maria
Mãe
Pai
Libório
Cleonice

Cena I

1) Ana Maria entra ninando sua boneca, cantando:

Ana Maria - (Canta).- Papai vai trabalhar
Pragantar dinheiro
Pra mim é meu pai
Um herói verdadeiro.

Mamãe sabe cozinhar
Mamãe sabe costurar
Sabe lavar e remendar
E isso eu acho legal.

Eu ainda sou menina
Mas logo vou crescer.
Serei também dona de casa
Terei no colo um bevê.

O marido vai ganhar dinheiro
E eu farei o que ele disser.
Será exatamente desse jeito
A mamãe já perguntei.

(Patrícia e Claudio entram correndo).

Patrícia - O último que chegar na esquina é um ovo podre! Um, dois,
e...Já! (Ela sai correndo e bate em Ana Maria, cuja bo-
neca cai no chão).

Ana Maria - Ai! Minha boneca! (Consola a boneca).

(Patrícia e Claudio discutem sobre quem venceu a corrida.
Começam a dar-se puxões um no outro, mas não a sério, são
tão adorando a brincadeira, apesar de Ana Maria pensar...
que os dois estejam brigando).



- Claudio - Não vale! Tu roubou!
- Ana M. - Ô, parei, digo, Ô, perai, cuidado!
- Patrícia - Eu ganhei! Ganhei e pronto, tranquilinho!
- Claudio - (Rindo de deboche).- Engraçadinha! Tu começou antes de mim!
- Patrícia - Podes pensar assim se tu quiser. Eu sou mais rápida do que tu, só isso.
- Claudio - Tá te faltando um parafuso, ou coisa parecida? Guris são sempre mais rápidos do que gurias. Né, Ana Maria ?
- Ana Maria - É, eu acho que sim. (Claudio e Patrícia dão um gargalhada).
- Claudio - Por isso é que vocês que são gurias tem que roubar.
- Ana M. - Eu não!
- Patrícia - E então, o que é que a gente pode fazer?
(Ela dá um soco no irmão, ele se estende, digo ele se defende. Ela o derruba na cesta do lixo. Ele dobra-se em dois).
- Claudio - Eu não vou brincar com gurias...
- Ana Ma. - (Ansiosa).- Patrícia, é melhor tu parar, se não ele vai ficar louco debrabo e daí...
- Patrícia - Tá brincando? Ele que experimente! (Empurra-o).
- Claudio - Tá legal! Se é assim que tu quer. (Ela ataca Patrícia).
- Ana M. - Viu só?
(Seu Libório, síndico do prédio, entra).
- Síndico - Larga a pobre da menina, seu moleque!
- Claudio - A troco de quê? A "pobrezinha da menina" foi quem começou tudo!
(Patrícia passa um rasteira em Claudio que se estatela em seus pés).-
- Síndico - Crianças! Vocês se comportam como uns baderneiros!
- Patrícia - Alguém pediu a sua opinião?
- Síndico - E isso são modos de falar com uma pesso mais velha? Vocês deviam se dar por satisfeito de eu ter chegado antes que vocês se arreentassem!
- Patrícia - (Dá um bofetada em Claudio).- Antes que ele se arreentas-se!
(Patrícia e Claudio riem. Os dois estão atracados um ao outro, brigando).-



- Síndico - Agora, chega! Meninas direitas não fazem bagunças!
(Puxa os dois com forças e fica sério).-
- Ana M. - Vamos, Patrícia, vam'brincar com a minha boneca.
- Síndico - Tá vendo só, tua amiguinha aqui sabe como se comportar.
- Claudio - Ah, vê se vocês vão tomar banhos e nos deixam de uma vez!
- Patrícia - A gente não fica se metendo na vida de vocês!
(Entram Hilda, a mãe de Patrícia e Claudio).-
- Hilda - Que é que está havendo? Vocês dois andaram aprontando alguma, outra vez?
- Claudio - Foi ele quem começou, mamãe.
- Hilda - (Percebendo a presença do seu Libório).- Ah, como vai seu Libório? Desculpe, as crianças às vezes, são meio rebeldes. Mas que foi que houve?
- Síndico - Essas crianças são suas, dona Hilda?
- Hilda - São, esses dois.
- Síndico - Bom, na verdade isso não facilita nem um pouco a questão...
- Patrícia - Comêquie?
- Claudio - Não aconteceu nada, pô!
- Ana M. - Eu estava sentada aqui pensando nas minhas coisas...
- Síndico - Certo, tu estavas. Mas tu eras a única.
- Hilda - Afinal, qual é problema?
- Síndico - É sobre o seu aluguel, dona Hilda. O que é que a senhora esperava que fosse? E a situação não é nem um pouco cor-de-rosa para uma mulher com duas crianças, como a senhora. Eu faço questão de ser bem franco com a senhora.
- Hilda - O senhor quer fazer o favor de entrar, um momento?
(A sequência acontece alternadamente em dois espaços. As crianças, na rua. Enquanto o síndico e Hilda estão na sala).-
- Claudio - Como é mesmo o nome dele? Li-bório ou Escrevi-bório?
- Patrícia - Seu palhaço!
- Claudio - Falando sério: Quem é aquele cara?
- Patrícia - Deve ser o síndico ou coisa parecida.
- Ana M. - Ih, meu Deus do céu... Agora vocês vão ter que sair do apartamento de vocês por causa do que vocês fizeram.
- Patrícia - A gente não fez nada!
(Na sala).-
- Síndico - (Tiraalguns papéis de uma pasta).- Bom, dona Hilda, eu tenho a tarefa desagradável de lhe informar que o edifício em que a senhora será demolido dentro de cinco meses.



Hilda - Quê?

(Na rua).-

Ana M. - Vem, Patrícia. Tudo que é guri é muito bobo. Vam'brincar de casinha, eu e tu.

(Na sala).-

Hilda - Sim, mas seu lib...

Síndico - Agora, não se preocupe, dona Hilda. Naturalmente nós vamos providenciar paraa senhora. Na verdade eu mesmo estarei em um desses novos empreendimentos.

Hilda - Um desses novos empreendimentos. Mas quanto vai custar.

(Na rua).-

Claudio - Como é que vocês podem brincar de casinha? Vocês precisam de um pai, de uma mãe e de um nenê, e vocês são só duas!

Ana M. - Mentira! Tu esqueceu a Pepita!

(Aponta a boneca).-

(Na sala).-

Síndico - Naturalmente será um pouco mais caro. Lhe fazendo um concessão o aluguel deverá ficar em torno de cinco mil cruzeiros por mês.

Hilda - Cinco mil por mês? É o dobro do que nós estamos pagando agora! Como é que eu vou ter condições de arxar com toda essa despesa?

(Na rua).-

Patrícia - Deixa o Claudio ser o pai.

Ana M. - Não...Os gurus tem os brinquedos deles e a gente tem os nossos.

(Na sala).-

Síndico - A senhora não é obrigada a mudar-se para lá, é claro. Ninguém está particularmente ansioso para ter a senhora e suas crianças por perto. Mas uma coisa é certa: a senhora vai ter que ir embora aqui!

Hilda - E se eu não puder pagar o novo aluguel?

Síndico - Minha senhora, isso é problema seu.

(Na rua).-

Claudio - Mas vocês precisam de um guri pra ser o pai!

Ana M. - Quer dizer quetu quer mesmo brincar com bonecas?



Patrícia - Esquece a boneca! Tu vai ser a filha, e tu vai ser o pai e eu vou ser a mãe.

(Na sala).-

Síndico - Por que a senhoranão casou de novo? Se a senhora tivesse um marido, ele ganharia dinheiro suficiente, e vocês poderiam pagar um novo aluguel. E assim as crianças também iam aprender um pouco de bons modos.

Hilda - Isso é problema meu, seu Libório!
(O síndico sai do apartamento distraído e choca-se com uma das crianças).-

Síndico - Quer fazer o favor de olhar por onde anda? Tu achas que a rua é o quê, um parque de diversões? (Sai).-

(Na rua astrês crianças, sob a orientação de Ana Maria, brincam como deve ser uma família de verdade).-

Ana M. - É, por mim, brincamos os três. Então, aqui é nossa sala: E ali fica a TV.

Patrícia - Eu sento aqui na minha poltrona.

Ana M. - Papai vê televisão e nós temos que ficar calados, e eu brinco com Evinha. - Vá remendar meias!

Patrícia - Eu achei que tinha que ver televisão.

Ana M. - Você pode, sim, mastem que remendar também. Mamãe também tem semprealguma coisa pra fazer.

Patrícia - Remendar - Remendar - Remendar.

Ana M. - Papai?

Claudio - Sim, minha filha?

Ana M. - Tá errado! Você tem que berrar "sossega"!

Claudio - Sossega!

Ana M. - E agora faça certo. - Papai?

Claudio - Sossega!

Ana M. - E agora - "Ei! Cadê o café"?

Claudio - Ei!. Cadê o café?

Patrícia - Mas claro que eu também quero ver esse filme! Não é só você!

Ana M. - Tá errado! Você tem que dizer "Sim, já vou" e sair correndo!

Patrícia - Uma mãe idiota como essa não existe, de jeito nenhum

Ana M. - Minha mãe não é idiota! Vocês só não podem brincar direito porque não tem pai!

Claudio - De um pai tão imbecil também a gente não precisa...



Patrícia - Além disso, nós não brincamos se você só fica mandando!

Ana M. - Mas se é assim com "pai - mãe. filho"!

Claudio - É, está bem, então agora eu berro - Saia! Vai pra cozinha!
E rápido!

Patrícia - Que foi que deu em você, hein?

Claudio - Cala essa boca! (Patrícia dá-lhe um leve pentapé).

Ana M. - Ora, Patrícia, você tem que obedecer, como mamãe. Tá, então eu brinco com Pepita, se vocês não brincam direito. Pepita faz sempre o que eu digo, mesmo. Pepita só me dá gosto.
(Sai).-

Patrícia - Mas um pai não é nenhum macaco berrão....Um pai bom que seria legal...mas um assim...

Claudio - Parece que o de Ana Maria é assim.

Patrícia - E você acha que a mãe ia aceitar esse berreiro?

Claudio - Se ela fosse casada talvez tivesse que aceitar.

Patrícia - (Canta).- Você está doido! Puxa vida!...

Eu queria ter um pai
Ia ser mesmo bacana
Um homem em casa, para a gente.
Bem legal para a gente.
Mas um pai que só berra- Puxa vida!
Que só empata e fica mandando - Puxa vida!
Que vive grudado na TV - Puxa vida!
E bate tanto na gente - Puxa vida!
E que se pode fazer com um cara assim?
Puxa vida! Puxa vida!
Puxa vida, puxa vida!
As meninas tem sempre que trabalhar.
Todo lixo, toda sujeira,
A gente tem que limpar..

Puxa vida, puxa vida!
Os homens nunca ajudam
Um berro, tudo pinota
Para mim isso é nojento!

Os dois - Puxa vida, puxa vida,
Vamos começar juntos
Menina, menino, mulher e marido
é tudo igual
E quem agora disser
Que alguns são "mais iguais"
São mais fortes e melhores
Esta falando besteira!



Cena II

Café da manhã

(Pela manhã, todos estão acordando na casa de dona Hilda.

A cena deve mostrar que, apesar de muita agitação, o clima na família sem pai determina uma amigável distribuição de trabalho.)

Patrícia - Bom dia! Claudio, levanta de uma vez! A mãe já tá indo pro trabalho!

Claudio - Tá bom, já vou. - Tu não sabe onde é que está o meu caderno de matemática? (Olha na pasta de Patrícia).-

Patrícia - (Rindo).- Ih, sai daí. - Hoje é teu dia de buscar o pão.

Claudio - Mas eu não vou ter tempo, eu preciso achar o meu caderno. Mãe, tu não viu onde eu botei o meu caderno?

Hilda - (da cozinha).- Em cima da TV.

Claudio - Ah, é, tá aqui... Bom, acho que eu tenho que ir buscar o pão.

Patrícia - Ô, não esquece de pegar o dinheiro... Ah, sua mosca tonta, deixa que eu vou e busco, de uma vez. Fica arrumando a mesa. Mãe, posso comprar sorvete também?

Hilda - Não, é melhor não. Os preços recém subiram e a gente precisa controlar o orçamento. (Patrícia sai, Hilda entra).-

Hilda - Agora onde foi que eu pus a minha bolsa? Patrícia!

Claudio - Ela já saiu.

Hilda - Tu não viste a minha bolsa?

Claudio - A Patrícia foi com ela.

Hilda - Ah, vocês ainda não acabaram de por a mesa! (Ela ajuda Claudio).-

Claudio - É porque eu não achava meu caderno.

Hilda - Eu sei. Tu já terias perdido a tua cabeça há muito tempo se ela não tivesse grudada no pescoço. - Ah, avisa a Patrícia pra ela trazer margarina.

Claudio - Mas ela já saiu.

Hilda - Tá, então grita pra ela pela janela; se não vou te dar café, hoje.

Claudio - (Gritando na janela).- Patrícia! Compra margarina! Margarina! (Volta).- Ih, acho que o leite derramou!

Hilda - Aproveita e traz o potinho de mel.

Claudio - Tá. (Entra na cozinha).- Mãe, a gente pode andar de bicicleta no parque, hoje? (Ele volta com o leite).-

Hilda - Acho que não, Claudio. Hoje não. É isso que eu queria dizer pra vocês antes... Onde está o mel?



Claudio - Ai, dorga, esqueci! (Voltaparaa cozinha).-

Patrícia - (Entra).- Manhê! Mããããê!

Hilda - Que é isso aí?

Patrícia - Uma nota de cem! Aqui, ó. Agora a gente pode se dar o luxo de comprar algumas "coisinha" a mais...sorvete, por exemplo!

Hilda - Onde tu encontraste?

Patrícia- Na escada.

Claudio - (Vindo da cozinha).- Será que foi alguém que perdeu?

Patrícia - É claro, né? Que que tu achas?

Hilda - (Contente).- É mesmo?

Patrícia - Claro! Eu mesma vi a mulher procurando.

Hilda - (Susto).- Patrícia! Vai já devolver o dinheiro!

Patrícia - Mas eu acho que ela estava procurando outra coisa, além disso...

Hilda - (Repreendendo).- Patrícia!

Patrícia - (Despistando do assunto).- Vou buscar o açúcar.

Hilda - O açúcar está aqui.

Patrícia - Então o...o coador. Ou a faca do pão. Ou...bom, sei lá, o que maistá faltando?

Hilda - Patrícia, de quem é esse dinheiro?

Patrícia - Eu não sei. Eu achei ele. Tá, tá legal, eu vi a dona Cleonice na escada procurando alguma coisa. Mas podia ser a dentadura, ela vive perdendo a dentadura.

Hilda - Agora tu vais direto lá na dona Cleonice perguntar se ela perdeu cem cruzeiros.
(A campanha toca).-

Hilda - Será possível que a gente não pode tomar o café em paz?
(Patrícia e Claudio correm até a porta pra ver quem chega antes).-

Claudio - (Para Patrícia).- Sabe de uma coisa?

Patrícia - Quê?

Claudio - Eu acho que acampanhia tocou! (Abre uma fresta de repente). É a dona Cleonice.

Cleonice - (Empurrando e abrindo a porta).- Eu preciso falar com a coitada da mãe de vocês.

Patrícia - Por que a nossa mãe é tão coitada?

Claudio - Pô, ela nem disse bom dia!

Hilda - Agora fiquem quietos e sentem.

Claudio - (Senta-se de má vontade).-



- Cleonice - Bom, dona Hilda, pelo amo de Deus, me diga o que é que está havendo com a senhora? (A intenção deliberada da dona Cleonice de besbilhotar a vida da família de dona Hilda, cria uma situação embaraçosa no desenrolar da cena).- Mesmo uma mulher sozinha deve ser capaz de educar suas crianças, assim, então...
- Hilda - Sim?
- Cleonice - Eu vou acabar quebrando o meu pescoço se a senhora deixar seus filhos correndo por aí como uns animais selvagens! - Mmmmmmm...Cheirinho bom de café passado! Bom, já que a senhora insiste, eu tomo uma xicrinha com a senhora, mas só uma xicrinha. (Senta).-
- Hilda - A senhora vai me desculpar, mas eu preciso ir para o trabalho.
- Cleonice - É justamente isso. Se a senhora tem filhos, não pode passar o dia todo fora de casa. A senhora vê...de qualquer maneira, vocês vão ter que ir embora daqui!
- Hilda - A senhora também. O edifício vai ser demblido nesse inverno.
- Cleonice - Quem foi que disse isso?
- Patricia - O Liberato!
- Claudio - O Finório!
- Hilda - Seu Libório, o síndico. Agora, eu tenho mesmo que ir.
- Cleonice - Então. - Mas uma coisa que a senhoranão sabe, é que haverá muito poucos prédios novos no novo empreendimento, e só inquilinos...tranquilos terão preferência para alugar os primeirosapartamentos. Eu mantenho boas relações com o seu Libório, e ontem mesmo ele me perguntou: "Dona Cleonice, a senhora acha que a dona Hilda e seus filhos seriam bons inquilinos para os novos apartamentos?" E eu respondi: "O senhor sabe como é, seu Libório, o senhor sabe como é... Quer dizer, eu não disse que não. Mas sem um marido, e com filhos como os seus...que é que eu vou lhe dizer, dona Hilda? Que é que a senhora teria dito no meu lugar?"
- Hilda - Bem. Já vou indo. A senhora vem também?
- Cleonice - Me deixa só terminar meu cafezinho. Então, como eu já dizendo...
- Patrícia - A senhora fica espionando todo o prédio e vai correndo contar tudo pro seu Libório.
- Hilda - Patrícia! Peça desculpa pra dona Cleonice. Já!
- Patrícia - Tá, desculpa. Mas eu acho isso mesmo.



- Cleonice - O quê? Como é que tu podes dizer uma coisa dessas? Eu lhe digo, dona Hilda, até agora eu estava disposta a falar em favor da senhora. Mas os seus filhos foram tão longe - que eu não vou mais mexer um dedo por vocês. Ah, meu coração! Já tive muita excitação por hoje. Ainda agora perdi cem cruzeiros.
- Patrícia - Na escada?
- Cleonice - Isso mesmo! Tu não os viste, por acaso, viste?
- Patrícia - Se era uma notade cem cruzeiros, acho que vi em algum lugar. (Sai correndo, com Cleonice atrás).-
- Claudio - Que jeito tinha a nota?
- Cleonice - Era avermelhada, cheia de risquinhos.
- Patrícia - Tá aqui ela! (Volta, enquanto Cleonice pega a nota e sai correndo). (Patrícia bate a porta).- Até que enfim a gente tá livre dela!
- Hilda - Agora eu tenho que ir. Ah...não posso esquecer: me façam um favor e não vão andar de bicicleta hoje. Se desse eu gostaria que vocês arrumasse um pouco a casa. Convidei uma pessoa pra aparecer aqui e não vou ter tempo de fazer a limpeza depois das compras. Tchau pra vocês.
- Claudio - Quem é que vai chegar aí?
- Hilda - Um homem que eu conheci na fábrica.
- Patrícia - Faz tempo?
- Hilda - Faz um tempinho. Agora eu vou voando. Até a noite. E não esqueçam de dar uma arrumada em tudo, tá? (Sai).-
- Patrícia - Um homem!
- Claudio - Mmmmm. Vem um cara aí e só por causa disso ela não quer que a gente vá andar de bicicleta.
- Patrícia - Claudio, isso nunca aconteceu antes!...Vem, vamos arrumar tudo pro colégio.
- Claudio - A gentetem que tirar a mesa, antes.
- Patrícia - Ah, eu já ia esquecendo. (Arrumam).-
(Cantam).- Puxa vida,
Vamos começar juntos,
Menina, menino, mulher e marido
É tudo igual
E quem agora disser
Que alguns são "mais iguais"
São maisfortes e melhores
Está falando besteira!



Cena III

A visita

(A sala está uma bagunça. Patrícia e Claudio estão no chão briançando com um carrinho de corrida).-

(Ana Maria bate a porta).-

Patrícia - Tá aberta!

Ana M. - Como é que vocês não foram andar de bicicleta com a gente?

Claudio - A gentetinhaque arrumar a casa.

Patrícia - Vem um homem nos visitar.

Ana M. - Mas vocês não arrumaram coisa nenhuma.

Patrícia - Ainda tem muito tempo. Antes de uma hora a mãe não chega.

Claudio - Escuta, Ana Maria, tu não tem que ir pra tua casa já já, né?

Ana M. - Não...

Claudio - (Dá um pulo).- Perfeito! Então vocês duas fazem a limpeza!

Patrícia - Hó, hó, hó!

Claudio - Eu dou alguma coisa pra vocês em troca. Dois chicletes, para cada uma.

Patrícia - De jeito nenhum!

Ana M. - Dois pra cada uma? (Claudio concorda).- Então vamos fazer, Patrícia. Guri não sabe arrumar casa. Eles são muito desajetados.

Claudio - Isso aí. Eles derrubam tudo que encontram pelafrente. (Ele derrubaalguns cadernos da mesa).- Viu só?

Ana M. - Tu fez por querer!

Patrícia - (Bate palmas irônica).- Muito bonito!

Claudio - Mas eu não sei o lugar das coisas.

Patrícia - Tu achas que eu sei?

Ana M. - Quando alguém vai nos visitar, lá em casa, eu também tenho que fazer a arrumação. Meu pai sempre quer tudo bonitinho e limpinho e a minha mãe diz que o único de eu casar, quando eu for grande, é se eu aprender a cozinhar e a limpar a casa.

Patrícia - Bom, então eu vou ficar solteira pro resto da vida. (Eles jogam a toalha da mesa na cabeça de Ana Maria e ficam correndo a volta dela).-

Hilda - (Entra, quieta, depois grita).- Vocês ficaram loucos?!

(Eles param. A toalha cai no chão. Hilda larga no chão a sacola de compras).-

Ana M. - Eu não tive culpa, dona Hilda. Eu queria ajudar a Patrícia a arrumar a casa, mas o Claudio, ele...

Hilda - Hoje, especialmente, eu pedi que vocês fizessem a limpeza, porque vem alguém nos visitar.



- Hilda - O que vocês querem que o Rudi pense de mim?
- Patrícia - Rudi? Quem é Rudi?
- Hilda - (Mais calma).- Eu te disse, minha filha. Aquele que trabalha na fábrica. Logo ele deve chegar.
- Claudio - Como é que tu veio pra casa tão cedo?
- Hilda - Porque...porque eu queria deixar tudo pronto. Agora, eu mesma arrumo a casa!
- Ana M. - Eu ajudo a senhora, dona Hilda.
- Patrícia - Tu nunca tinha gritado com a gente daquele jeito...
- Hilda - É que eu saí um pouco fora dos limites. Esqueçam, tá?
- Ana M. - Nós entendemos!
- Claudio - Tá, gurria, chega! Mãe, a gente se encarrega de tudo.
- (A companhia toda. Hilda dá um salto, nervosa).-
- Hilda - Meu Deus, é o Rudi!
- Claudio - Já?
- Ana M. - Eu abro!
- Hilda - Não, eu ainda não estou pronta! (Ajeita o cabelo rapidamente. A companhia toca outra vez).-
- Patrícia - Apressadinho o moço, né?
- Hilda - Tragam essas coisas pra cozinha. (Ela entrega as verduras, que sai).-
- Vendedor - Bom dia! Suamamãe está em casa, meu anjo?
- Ana m. - Não, ela mora no próximo edifício, no segundo andar. Posso levar o senhor até lá.
- Claudio - Ah, que pamonha! (Levanta-se e vai até a porta).- Claro que ela está em casa. Ela está esperando o senhor.
- Vendedor - Há algum inconveniente se eu entrar?
- Claudio - O senhor já entrou.
- Hilda - Pois não?
- Vendedor - Mil perdões pelo incômodo, só vim trazer-lhe este pequeno presente e saio imediatamente.
- Hilda - Bom, mas o que é que é?
- Claudio - Quer dizer que não é esse o sujeito?
- Hilda - Ora, Claudio, achei que tu me conhecesses melhor!
- Vendedor - (Puxa algumas revistas de sua pasta).- Aqui está "O Maravilhoso Mundo da Mulher"! - Estou certo que a senhora já ouviu falar nele!
- Hilda - Não.
- Vendedor - Ora, mas uma mulher como a senhora precisa conhecer "O Maravilhoso mundo da mulher"! Minhas freguesas asseguram que devem mais ao "Maravilhoso mundo da mulher" do que a seus próprios pais, médicos, maridos...e mesmo a seus amantes!

- HILDA - - Por favor, o senhor vá, agora. Eu realmente tenho que...
- Vendedor - Tudo o que a mulher moderna precisa saber está aqui. Como fazer-se bonita para o homem que ela ama, como distrair um homem, como decorar o lar a seu gosto, o que ele gosta de comer, seus desejos secretos - tudo isto é revelado a você pelo "Maravilhoso Mundo da Mulher". (Entra Patrícia) O "Mundo Maravilhoso da Mulher sabe o que os homens desejam.
- Patrícia - Mas é uma dessas revistas pra mulheres!
- Vendedor - Você está certa, menina. A melhor amiga da dona de casa.
- Patrícia - Então por que elas só se importam com as coisas que os homens querem?
- Vendedor - An-ha (pigarreia), bom, os homens vivem para seus trabalhos e as mulheres para seus homens. Não é mesmo?
- Patrícia - Que montão de lixo!
- Vendedor - Menina interessante... Agora, tudo o que a senhora tem a fazer é assinar aqui, e a senhora receberá "O mundo maravilhoso" a cada quarta-feira. Assim, a senhora vai estar sempre na moda, chique, maravilhosa, não vai? Tenho certeza de...
- Hilda - O senhor vai embora agora! Eu não tenho dinheiro pra gastar com essas bobagens.
- Vendedor - A senhora pode pagar mais tarde... A senhora é a pessoa ideal para receber uma revista como essa...
- Hilda - Se o senhor não sair já daqui, eu chamo a polícia.
- Cláudio - Aí, mãe! Quer que eu ligue de uma vez?
- Ana Maria - Não sei porque vocês estão tão...tão... alterados! Ele é um senhor tão bacaninha. Senhor, o senhor quer falar com a minha mãe?
- Vendedor - Adoraria, queridinha! Eu adoraria! (Vira-se para Hilda) (Despede-se com um discreto aceno de cabeça.)
- Ana Maria - Eu levo o senhor até lá, tá legal?
- Vendedor - Vamos, gracinha. Tu mostras o caminho. (Sai com Ana Maria)
- Hilda - Patrícia, pendura esse casaco pra mim?
- Patrícia - Claro. (sai)
- (Hilda faz um retoque na maquiagem)
- Cláudio - Mamãe, porque é que você está se pintando assim?
- Hilda - Porque vou receber visita.
- Cláudio - Porque a visita é um homem?
- Hilda - Não.
- Cláudio - Por que é que você não se pinta quando é a tia Elvira que nos visita?
- Hilda - Ela não liga pra isso.



- Cláudio - Então como é que você sabe que o homem que vem hoje liga?
- Hilda - Os homens gostam assim.
- Cláudio - Então você se pinta porque a visita é um homem, prá que e-
le fique olhando pra você, não é?
- Hilda - Não, é porque fica mais legal.
- Cláudio - Por que você não fica tão bonita pra gente, mas só pra o
homem?
- Hilda - Porque - os homens querem é assim.
- Cláudio - É, então esse idiota que chegou aqui estava mesmo certo
com essa besteira de que uma mulher faz só o que o homem
quer?
- Hilda - Não, eu também gosto.
- Cláudio - Por que, então, os homens não se pintam, sempre só as mu-
lheres?
- Hilda - Não sei.
- Cláudio - Porque os homens, por si, são bonitos e as mulheres só fi-
cam bonitas até que um homem olhe mesmo para elas.
- Hilda - Ah, vê se para com isso!
- Patrícia - (Achando o chapéu do Vendedor) Olha só, o seu Matraca es-
queceu o chapéu dele.
(A campainha toca)
- Hilda - Olhai ele outra vez. Vai e devolve o chapéu.
- Cláudio - (Arranca o chapéu de Patrícia) Eu vou! (Abre uma fresta
da porta e atira o chapéu por ela) Toma o teu chapéu todo
roído de traça e some! (Bate a porta.)
(A campainha toca outra vez.)
- Hilda - Porque vocês dois não abrem essa porta?
- Cláudio - Eu já abri.
- Hilda - (Furiosa, atravessa a sala enrolada em um roupão e abre a
porta). Agora, ou o senhor pára de nos incomodar ou eu
chamo mesmo... Rudi!
(Rudi está parado do lado de fora, com o chapéu na cabeça,
rosas em uma mão e uma bola e uma boneca embaixo do braço)
- Hilda - Ah, Rudi! Já és tu! Eu pensei - não importa. Entra, entra.
(Rudi entra. Seus olhos estão fixos nela. Desta forma, ele
não vê os degraus e cai no chão. Começa a falar ainda sen-
taço.)
- Rudi - Tu podes me explicar... esse chapéu que me deram?
- Hilda - Ah, é que o Cláudio achou... sabe, tinha um vendedor a-
qui, ainda há pouco, que esqueceu o chapéu. Escuta, é
melhor eu acabar de me vestir.
- Rudi - Antes me deixa te dar isso. (Estende as flores.)



- Hilda - Mas Rudi, não precisava se incomodar. Puxa! Bom, vou te deixar sozinho por um segundo. (Sai)
- Rudi - Então tu é que és a Patrícia. Te trouxe uma coisa! (Entrega a boneca) E isto pro Cláudio! (Atira-lhe a bola)
- Cláudio e Patrícia - Obrigado!
- Rudi - ~~Khã~~, sim senhor, muito bonito o jeito de vocês.
- Patrícia - (Larga a boneca) Bá, uma bola! (Os dois começam a jogar futebol e praticamente ignoram Rudi)
- Rudi - Hã... bom... eu sou seu Tio Rudi... a boneca é prá ti Patrícia.
- Patrícia - É, eu sei. Obrigada. (Continua jogando bola.)
- Rudi - Então, quem sabe, nós...hã... Cláudio, tu te interessas por carros?
- Cláudio - Claro (para de jogar) Que carro tu tem?
- Rudi - Podes me chamar de Tio Rudi. Um Wolks.
- Cláudio - Ah, um carro pequeno.
- Rudi - É, mas é envenenado.
- Cláudio - Mesmo, cara? Eu achei que um Wolks...
- Rudi - Esse é um tipo especial. É usado em Rallyes. Quase como um carro de corrida.
- Cláudio - Tá brincando! Quantos por hora ele faz?
(Patrícia cansa da conversa e sai.)
- Rudi - Adivinha. Vai lá, Diz.
- Cláudio - Duzentos por hora.
- Rudi - Faz duzentos com a maior facilidade.
- Cláudio - (Faz um som de carro derrapando. Salta da cadeira e começa a brincar de corredor de automóveis com a cadeira.) Ram-ram-ram! Ram-ram-ram!
- Hilda - (Volta com as flores em um vaso) Como é, já se conheceram um poquinho? Tu não vais te levantar?
(Rudi pula da cadeira e fica em pé.)
- Hilda - Não, não tu! Cláudio, levanta desse chão!
- Cláudio - Mãe, ele tem um carro que...
- Hilda - Quem é "ele"? Ele tem um nome.
- Rudi - Rudi. Pode me chamar de Tio Rudi.
- Cláudio - Mãe, ele tem um fuquinha, mas que pode até duzentos.
- Hilda - Incrível!
- Patrícia - Eu tava pensando em perguntar se vocês queriam cerveja. (Ela vem saindo da cozinha.)
- Rudi - Bem, agora tu já perguntaste. Eu não vou recusar um copinho, mas só um.
(Patrícia sai)



- Cláudio - Conta, tu já entrou numa corrida.
- Rudi - Claro, em corridas de todos os tipos. Quem sabe a gente possa andar de carro juntos agora no fim-de-semana. Que tal?
- Hilda - Ia ser legal, né, Cláudio?
- Patrícia - (Entrando com uma lata de cerveja) Tá aqui.
- Hilda - Onde está o copo?
- Rudi - Obrigado, Patrícia, obrigado. Esquece. Eu bebo na lata mesmo. (A Patrícia) Me conta, quantos anos tu tens?
- Cláudio - Primeiro tu diz pra gente quantos anos tu tem.
- Hilda - Cláudio, isso é pergunta que se faça?
- Patrícia - Por que não? Ele não me perguntou, por acaso?
- Rudi - Bom, eu tenho trinta... e dois. Não, espera um pouco. Tenho trinta e um.
- Patrícia - Que velho!
(Rudi ri embaraçado)
- Cláudio - Agora conta como é que tu veio aqui em casa.
- Hilda - Mas Cláudio, eu convidei o Rudi prá nos fazer uma visita, ficar com a gente um pouco.
- Rudi - Pois é, Além disso, eu gosto muito da mãe de vocês.
- Patrícia - Onde vocês se conheceram, mãe?
- Hilda - Nós trabalhamos na mesma fábrica.
- Patrícia - Ele empacota lâmpadas que nem tu?
- Hilda - Não, não. Rudi ganha muito mais dinheiro.
(Rudi explica seu trabalho às crianças.)
- Patrícia - (Finge executar o trabalho que Rudi acaba de descrever.)
E porque a mãe não faz isso também? Aí ela ia ganhar muito mais dinheiro.
- Rudi - (Murmura docemente ao ouvido de Hilda) Só homens podem dirigir empilhadeiras.
- Hilda - Só homens podem dirigir empilhadeiras.
- Cláudio - Precisa ser muito forte, né?
- Rudi - "Exatamente". Não, não, falando sério: é tudo movido à eletricidade, não se faz muita força.
- Patrícia - Então por que só homens podem dirigir empilhadeiras?
- Hilda - É assim que são as coisas.
- Rudi - Porquê é muito complicado.
- Patrícia - As mulheres não podem aprender?
- Rudi - Não sei bem... mas de qualquer maneira elas não iriam se interessar por isso.
- Patrícia - Não sei porquê.
- Hilda - Tá, agora vamos falar de outras coisas.



- Cláudio - E por que a mãe não ganha tanto dinheiro como tu?
- Rudi - Ela faz outra coisa.
- Patrícia - Os homens sempre ganham mais que as mulheres, mesmo quando eles fazem a mesma coisa, tu mesmo nos contou, mãe!
- Rudi - As mulheres precisam ficar mais tempo tomando conta das crianças...
- Patrícia - Eu sei porquê: é que tudo quanto é chefe é homem, e os homens sempre dão pros outros homens mais do que eles dão pras mulheres. Puxa vida! esse mundo é dos homens, mesmo!
- Rudi - Bom, bom, mas o que é que vocês achariam se a mãe de vocês não precisasse mais trabalhar tanto?
- Cláudio e Patrícia - Ia ser legal!
- Hilda - E...Cláudio, tu sempre quiseste um pai, né?
- Cláudio - Claro.
- Hilda - E tu também, né, Patrícia? Certo?
- Patrícia - É, tudo bem... mas por que tu tá perguntando isso, mãe?
- Cláudio - Acho que eu sei. Tu queres casar com o Tio Rudi.
- Hilda - É isso.
- Rudi - Hã... a mãe de vocês e eu... eu gostaria de... quero dizer..
- Hilda - Nós queremos casar. Então eu poderia trabalhar só de manhã, ou de tarde, como Garçonete ou coisa parecida, e o resto do dia ficava em casa com vocês. Que é que vocês acham?
- Patrícia - Não sei. Depende de como ele é.
(A campainha toca.)
- Cláudio - (Corre e abre a porta) É a matraca do vendedor, de novo!
- Vendedor - (Entra) Perdão, mas eu tinha um... - sim, está aqui. Meu chapéu. (Cláudio estende-lhe o chapéu) Ahá, a senhora tem visitas! - O senhor gostaria de comprar uma assinatura do "Mundo Maravilhoso da Mulher" para a senhora sua amiga? O senhor não se arrependerá! (Continua falando)
- Hilda - (interrompendo-o) Eu já lhe disse que não quero assinar... Eu compro revistas na banca da esquina ou no bazar, quando quero. Rudi faz o favor de dizer pra ele sair.
- Rudi - (Chega perto do homem) Olha, cara, se tu não tirar o teu rabo daqui em dois segundos, tu vais vender revista na cama dum hospital. Agora te manda do meu apartamento!
- Vendedor - Mas eu só estava perguntando.... (Foge apavorado. Todos estacam, admirando-se com a presença do novo senhor da casa.)



Cena IV

Três meses depois.

(Fim de tarde..Hilda e Rudi estão em casa)

- Rudi - (Caminhando) Bem, é a mesma velha história. Por uma vez eu gostaria de chegar em casa do trabalho e ver o jantar na mesa.
- Hilda - Ora Rudi, pera aí. Como é que eu posso saber quando é que tu vais chegar em casa do trabalho.
- Rudi - Nós estamos casados há três meses. Tu até agora já deverias saber que eu saio do trabalho às 4,30.
- Hilda - E as vezes tu tens que tomar uma cerveja com os rapazes, e então eu tenho que requentar tudo pra que tu tenhas comida quente.
- Rudi - Agora não começa com estas tuas histórias de como é difícil o teu trabalho na cozinha. Onde estão as crianças? Estou com fome.
- Hilda - Chegarão a qualquer momento. Se tu tivesse ajudado um pouquinho em vez de ficar resmungando sobre tudo, a janta já estaria na mesa.
- Rudi - Era o que faltava..Eu me quebro o dia inteiro por todos vocês e ainda tenho que chegar em casa e brincar de dona de casa.
- Hilda - E eu, o que é que tu achas que eu faço o dia inteiro, fico flauteando por aí? Das oito à uma eu trabalho na pizzaria. Então eu venho pra casa e tenho que tratar de tudo aqui. Mas eu suponho que tu não chamas isso de trabalho.
- Rudi - Tu sabes que não dá pra comprar o que tu fazes com o meu trabalho. Eu fico lá todo o dia. Isso exige muito da gente.
- Hilda - Eu pensei que tu dirigisses uma empilhadeira.
- Rudi - Que é que tu sabes do meu trabalho? O dia em que tu ganhares o mesmo que eu, aí sim, podes começar a falar. Agora eu quero alguma coisa pra comer, droga!
(As três crianças entram.)
- Cláudio - Oi, pai.
- Patrícia - Oi, mãe.
- Ana Maria - Oi, todo mundo.
(A mãe vai para a cozinha.)
- Rudi - Onde vocês andavam? Não podem estar aqui na hora do jantar?
- Cláudio - O jantar ainda não está pronto.
- Rudi - Pois é justamente isto. Se vocês dois ajudassem eu não teria que ficar sentado por aí esperando por ele,



- Patrícia - Talvez tu pudesse ajudar a mãe pra variar em vez de ficar só sentado por aí.
- Rudi - Tu vai pra cozinha e ajuda pra que a gente possa comer logo. Agora te mexe! ... Tu também és contra o teu pai, Ana Maria?
- Ana Maria - (ri encabulada) Não? Não! Nunca... Eu gosto de ajudar em casa e o paizinho sempre diz que eu vou ser uma dona de casa perfeita.
- Rudi - Por que tu não senta aqui? Bem, Patrícia vai aprender a se tornar uma também. Ela cresceu muito tempo sem um pai... Ela nem mesmo brinca com bonecas.
- Ana Maria - Bem, às vezes nós brincamos de casinha juntas.
- Rudi - É, é, você é uma boa menina. Com você Patrícia ainda pode aprender uma porção de coisas.
- Cláudio - Mas futebol Patrícia joga legal!
- Rudi - Ninguém lhe perguntou. Vamos, corra e me traga uma garrafa de cerveja!
- Cláudio - Eu posso também trazer um sorvete pra a gente?
- Rudi - Vocês ontem já ganharam sorvete...
- Cláudio - E você também já bebeu cerveja ontem...
- Rudi - Agora chega! Tenho que ensinar uma lição pra ti?
- Cláudio - Eu já tenho bastante na escola. (Sai).
- Hilda - (Chega com o jantar) Bem, agora podemos comer. Tu vens também, Ana Maria.
- Ana Maria - Não, obrigada, dona Hilda. Eu já comi.
- Hilda - Onde está o Cláudio?
- Rudi - Ele saiu pra me comprar umas cervejas.
- Hilda - Tu sempre tens que mandar ele fazer alguma coisa quando nós estamos prontos pra jantar?
- Rudi - Se tu cuidasse pra sempre ter cerveja na geladeira isso não aconteceria.
- Hilda - Tu podes facilmente ajudar compras. Tu tens um carro. E Já que eu me lembrei disso, tu tinhas prometido me ajudar hoje. Aí tu poderias ter comprado um engradado de cerveja.
- Rudi - Tem um jogo de futebol na TV de noite.
- Patrícia - Mas tu tens um carro. Tu poderias ir depois da janta. Se demora um instante e então ninguém precisa carregar os pacotes.
- Rudi - Fica fora disso. Tu não tens nada a ver com isso.
- Patrícia - É claro que tenho.
- Rudi - Quieta! Para de me incomodar! Eu já estou perdendo o apetite.



- Ana Maria - Minha mãe sempre vai fazer compras sozinha. Ela diz que os homens fazem sempre muita confusão dentro das lojas.
(Cláudio volta com a cerveja)
- Hilda - Ven comer. Nós estamos quase no fim.
- Rudi - Bem que tu poderias ter posto um pouco mais de carne nesta panela.
- Hilda - Bem que tu poderias ter me dado um pouco mais de dinheiro prá comprar comida!
- Rudi - Todo o teu dinheiro deveria chegar para fazer compras. Tinha que dar pra cobrir tudo. O meu dinheiro vai pro resto.
- Hilda - Já faço até mais do que posso com o meu dinheiro. Então não fica esperando que eu compre coisas a mais.
- Rudi - Patrícia, me passa o sal.
- Patrícia - Por que tu sempre pedes pra mim?
- Rudi - Passa o sal de uma vez antes que eu tenha que te explicar porque.
- Patrícia - Ninguém tá de bom humor hoje, é?
(O pai faz gestos de ameaça)
- Cláudio - Deixe que eu te alcanço...
- Rudi - (Para Patrícia) Tu alcanças! - Eu já tenho problemas que chegue no trabalho, e não quero mais saber desse absurdo em casa. O meu chefe berrou comigo desde a hora em que eu cheguei até o fim do expediente. Ele dizia que eu tinha empilhado umas caixas a mais quando foi ele mesmo quem mandou. Não empilhei nenhuma a mais, nenhuma a menos. Claro que eu acabei dizendo umas verdades pra ele. Imaginem se eu vou tolerar que alguém fique me dizendo: faz isso, faz aquilo. Ouviram? E muito menos dentro de casa. Então chega de falar comigo desse jeito, e vejam se aprendem um pouco de respeito. Ouviram?
- Patrícia - Ouvimos.
- Cláudio - Pronto, já acabamos.
- Patrícia - A gente pode brincar com a Ana Maria?
- Rudi - Vão de uma vez. Já vi bastante a cara de vocês por hoje.
- Patrícia - Vamos, Ana Maria.
- Ana Maria - Até loguinho, seu Rudi. Tchau dona Hilda.
(Rudi foga o jornal e começa a lê-lo. Hilda limpa a mesa. As crianças vão para a rua.)



Cena V - Na Rua

- Claudio - Puxa Vida! Ele tá de mau humor outra vez!
 Ana M. - Se vocês tratassem ele melhor, aí...
 Patrícia- Por que tu é tão pateta, hein? Eu não consigo saber porque que ele acha que a gente tá ali pra fazer o que ele quiser.
 Ana M. - Não vai me dizer que tu querias que o teu pai ajudasse no trabalho da casa.
 Patrícia- Por que não? Cada um pode fazer uma parte.
 Ana M. - Homem fazendo serviço de casa! Tu tá louca. Tô pra ver hm pai no mundo inteiro que tope fazer o trabalho da casa.
 Claudio - Ia ser um sarro.
 Patrícia- Claro, eles iam ter que aprender uma ou duas coisas. Tem mulheress que trabalham em fabricas, também, sabia?
 (Começam a brincar, imitando o serviço de Rudi).

Cena VI - Na sala

(Pai está lendo o jornal).-

- Hilda -- Vindo da cozinha).- Vou sair hoje de noite.
 Rudi - Quê?! Onde tu vai?
 Hilda - Não importa onde. Tu saís sosinho quando tu queres.
 Rudi - É, pra jogar baralho.
 Hilda - E eu vou no cinema com a Susana. Preciso de dinheiro, por sinal.
 Rudi - Escuta, tu sabes o que eu acho? Eu acho que tu não és mais uma mulher sosinha, tá? Uma mulher casada não sai com outra mulher de noute pra se divertir, enquanto o marido dela paga por isso e fica em casa.
 Hilda - Primeira coisa: nós vamos só no cinema. Segunda: tu também és casado e tu vais numa porção de lugares sem mim e te divertes muito.
 Rudi -Que que eu faço?
 Hilda -Tu sabes muito bem. Tu te manda quando tu queres e gasta um monte de dinheiro contigo mesmo. E pra ser bem franco contigo, eu não quero ter que ficar implorando a cada vez que eu quiser um pouco de dinheiro pra eu fazer coisas que eu goste.

(Ela Canta).-

"Sou escrava todo o dia
 Dona-de-casa em casa,
 Garçonete na pizzeria.
 Então chega o meu marido
 e continua a correita



Ele sentado, que nem um rei
e eu lhe servindo, seguindo a lei".

- Rudi - "Mas meu trabalho me arreventa!
Sem descanso quem é que aguenta?"
- Hilda - "Ah, e eu?
Meu trabalho é como o teu.
E quem cuida da casa? Já esqueceu?"
- Ambos - "Não dá pra falar com alguém assim.
Puxa vida, puxa vida."
- Hilda - "Puxa vida, puxa vida
todo o dinheiro que ganho
gasto em comida
Puxa vida, puxa vida
Seguro cada centavo
E ainda ganho alguns por fora
Mas tu não ligas!"
- Rudi - Mas eu ganho mais que tu - Puxa Vida!
- Hilda - Não é justo, e tu sabes disso - Puxa Vida!
- Rudi - (Interrompendo-a aos gritos) Tu queres mesmo...?!
Tu queres mesmo que eu te pague pelo trabalho da casa?
Então eu vou virar dono de casa. Tu tá ficando louca!
(sai).
- Cláudio - (Ainda na rua) Cara, eles tão mostrando um jogo de fu-
tebol na TV.
(Cláudio e Patrícia entram na sala correndo.)
- Cláudio - Mãe, a gente pode ver?
- Hilda - E a lição de casa de vocês?
- Patrícia - Ih, faz duas horas que a gente acabou.
- Rudi - (entra e liga a TV) Agora quietos. Não quero um pio aqui
dentro. Tu não tinhas que fazer compras? Leva as crianças
pra te ajudarem.
- Cláudio - Mas eu queria ver o jogo!
- Rudi - Tá, tu fica. Mas Patrícia, quero que tu vás com a tua mãe.
- Patrícia - Mas eu também queria ver o jogo!
- Rudi - Que que tu entende de futebol?
- Patrícia - A mesma coisa que o Cláudio, daí pra mais!
- Cláudio - Não mesmo!
- Rudi - Agora escuta aqui: eu disse pra tu ires fazer compras com
a tua mãe e fim de papo!
- Hilda - Eu não vou fazer compras agora. Quero ler minha revista em
paz. Vou no supermercado amanhã, de carro, contigo.
- Rudi - Pô, faz o que tu quiser, mas agora cala essa boca que vai
começar o jogo!



- Patrícia - Os caras são bons, hein?
- Cláudio - São os deffins. Eles são os campeões.
- Rudi - Quietos!
- Hilda - Onde tá o jornal de hoje?
- Rudi - Pô, tá lá no banheiro, eu deixei lá! (O comentarista começa a falar) Ah, Hilda já que tu tá de pé me traz cerveja e bolachinha!
- Hilda - Eu não posso descansar por cinco minutos? (Ela sai. Tocam a campainha.)
- Rudi - Patrícia, abre a porta.
- Patrícia - (Vai até a porta) É seu Finório!
- Rudi - Patrícia! (pula do sofá) Como vai, seu Libório? Porque não entra e senta?
- Libório - Boa noite, seu Oliveira. Obrigado. Só parei um instante, não vou demorar. Só quero contar dos novos a
- Rudi - Algum problema?
- Cláudio - Pênalti! Pênalti! Viu só aquele passe? (O pai desliga a TV. Patrícia e Cláudio aproximando-se do vídeo.)
- Libório - Na verdade, há alguns problemas com relação ao seu apartamento.
- Rudi - Então qual é o problema, afinal. Se vocês botam abaixo esse edifício, têm que nos dar um apartamento novo. É a lei.
- Libório - Cuidado, seu Oliveira, cuidado. O senhor casou com dona Hilda...
- Rudi - O que é que o senhor tem contra isso?
- Libório - Nada. Fico contente que D. Hilda tenha casado outra vez. Isso dá mais segurança para todos os inquilinos. Um homem em casa, bom emprego, renda garantida. Com uma mulher, sozinha a gente nunca sabe - às vezes elas têm crianças. A gente nunca sabe como é - mães que trabalham - isso não é natural, o senhor não acha?
- Rudi - Claro, claro. Por que o senhor não senta. Então agora as coisas estão perfeitas.
- Libório - Não exatamente, seu Oliveira.
- Patrícia - Como que não? A mãe sempre paga o aluguel na hora!
- Rudi - Patrícia: mais uma palavra e tu vais ver o que acontece!
- Libório - Já vou lhe explicar qual é o problema. Diz respeito às crianças. Agora: eu não estou reprovando o senhor, seu Oliveira. Afinal, elas não são suas.
- Rudi - É claro.



- Libório - Mas as crianças foram criadas muito mal. Tem havido muitas reclamações por causa deles! De qualquer maneira, o senhor não pode mais contar com o edifício novo, a menos que resolva disciplinar as crianças. Ensine respeito e ordem a elas. O senhor parece o homem ideal para a tarefa! Estou certo de que o senhor é suficientemente forte para botar esses meninos na linha.
- Rudi - Pode apostar o que o senhor quiser, seu Libório! Casei há pouco tempo, mas vou conseguir resultados. Não se preocupe com isso!
- Libório - Bom, é claro que não vou me preocupar com isso. Só espero que pelo menos o senhor se preocupe! (Entra a mãe). - Até logo, seu Cliveira. Até logo, dona Hilda. (Sai).
- Patrícia - Esse xerifão está sempre atrás de nós!
- Hilda - O que ele queria agora?
- Rudi - O que ele queria? Ele disse que nós não vamos poder mudar para um dos novos prédios. Por causa das crianças. Eu bem que te dizia que tu deixavas os dois correrem por aí como uns animais selvagens! Eles sempre fizeram o que quiseram contigo! (As crianças vibram com um gol na TV). - Quietos, agora!
- Mãe - Agora, espere um pouquinho!
- Rudi - Não, tu é que vais esperar um pouquinho! Daqui pra frente as coisas vão ser diferentes. E se tu tentares proteger as crianças, então eu vou te mostrar quem é que usa calças nesta casa. Eu não vou deixar eles me jogarem na rua só por tua causa. Pode apostar quanto tu quiseres!
- Hilda - Vê se te acalma! Refresca um pouco. Tá aqui tua cerveja e as bolachinhas.
- Rudi - Sabe o que tu faz com isso? Some da minha frente. Eu vou pro bar, olhar o jogo em paz. (Sai).
- Patrícia - Puxa vida! Quando ele explode, explode mesmo!
- Claudio - Que que ele tem?;
- Patrícia - O Finório despejou em cima dele umas mentirinhas sobre eu e tu e ele ficou estourado desse jeito.
- Hilda - Vocês dois não vão ficar quietos? Por favor!
- Patrícia - Mãe, por que tu casou com o pai se ele só grita com a gente e quer que a gente seja empregado dele? Era muito mais legal antes.



- Hilda - Bom, eu gosto dele, apesar de tudo. De todo jeito, é muito mais fácil com um homem por perto. Além disso, eu achava que vocês dois precisavam de um pai, e sabia que não ia poder pagar sozinha o aluguel do novo apartamento. Vocês veem que é difícil quando se é sozinha, quando se é uma mulher sozinha - todo mundo fica dizendo grosserias pelas minhas costas. Vocês sabem como é.
- Patrícia - Mas agora é pior ainda... Por que tu não levanta a luta pelos teus direitos? A gente não pode continuar assim.
- Hilda - Tu não podes calar a boca por um minuto? Que tu sabes da vida? (Vai para a cozinha).
- Patrícia - Olha, eu tô cheia dessa porcaria de lugar! E se a mão não fizer nada, então...então eu vou embora. Tu vem comigo?
- Claudio - Pra onde?
- Patrícia - Pra qualquer lugar. Tudo vai se resolver depois que a gente cair fora.
- Claudio - A gente tem que saber pra onde se vai.
- Patrícia - A gente vai pro depósito vazio do pai da Mary Lou. Faz mais de um ano que não tem ninguém lá.
- Claudio - Grande! A gente mesmo pode construir um esconderijo caprichado e pode trancar a porta pra ninguém entrar. E a gente pode fazer o que quiser. Eu vou arrumar um emprego e ganhar dinheiro. E tu pode ficar em casa e cozinhar e lavar, né?
- Patrícia - Opa, mas é disso aí que agente tá querendo sair!
- Claudio - Tudo bem, minha cama eu arrumo. Te prometo.
- Patrícia - Já é alguma coisa. E daí? Vamo lá:
(Ambos cantam)
Estamos indo embora, estamos indo embora.
É, a gente se cansou.
E agora sabemos o que temos que fazer
Estamos indo embora.
O pai grita e berra pra que as coisas sejam como ele quer
E a mãe não vai se levantar diante dele.
Estamos indo embora.
Eles nos dizem o que nós temos que fazer.
E nunca perguntam o que nós queremos fazer.
Estamos indo embora, indo embora,
Estamos quase arrebitando.



- Patrícia - Amanhã botamos algumas roupas na pasta do colégio e fingimos que estamos indo pra aula. E aí a gente foge.
- Ambos - "Estamos indo embora, estamos indo, Estamos quase arrebitando!"

INTERVALO - FIM DO PRIMEIRO ATO

(No início do segundo ato, o violonista começa a cantar "Puxa vida, vamos em frente, as mãos unidas". E pede a platéia que o acompanhe).

Cena VII

(Patrícia e Claudio parados com as pastas de colégio, na frente de casa).-

- Patrícia - Vem. Vam'bora, antes que a Ana Maria nos veja. Que foi?
- Claudio - Talvez fosse melhor a gente ir pra aula...
- Patrícia - Ah, é, is ser muito lindo, mesmo! A dona Margarida ia querer ver o nosso caderno e tu ias procurar na tua pasta e sair de lá com as tuas cuecas na mão. (Ela remexe na sacola dele e tira fora as cuecas e as joga na cabeça dele).
- Claudio - Não sei, Patrícia...
- Patrícia - Que que te deu de repente?
- Claudio - Fugir é bobagem!
- Patrícia - Qual é, que importância tem isso? Tu tá com medo?
- Claudio - Tá brincando? Só tô pensando na mãe, e...
- Patrícia - A mãe, a mãe! Se a mãe quiser aguentar tudo isso é culpa dela. Eu sei que pra mim, chega. Eu tô indo embora! (Sai).
- Claudio - Mas aí vai ficar tudo pior ainda. Patrícia, espera! Tô indo!
- (No momento em que ele vai segui-la, entra Ana Maria).
- Ana M. - Ei, onde é que foi a Patrícia? Ela passou por mim voando, sem dizer nada!
- Claudio - Patrícia! A Patrícia?...Ah, a Patrícia, ela tinha que comprar um caderno. (Ele continua tentando escapar).
- Ana M. - Caderno? Mas a livraria é pra lá!
- Claudio - A livraria é pra lá? Ah, é, tem razão. Mas e...mas e um livro, um caderno de selos, no correio. Pra lá. (tenta sair).
- Ana M. - Tá, então vamo logo pro colégio, senão a gente se atrasa. (Vai indo pro lado do colégio).
- Claudio - Tá, já vou indo. Não quero me atrasar...(Quer ir para trás sorratamente).



- Ana M. - Ei!
- Claudio - Que foi?
- Ana M. - É por aqui!
- Claudio - Tudo bem, tô indo! (Faz que vai acompanhá-la e logo se esgueira para trás sorrateiramente).
- Ana M. - Tá maluco? Guri, vocês hoje estão com um parafuso frouxo, hein?
- Cláudio - É, eu sei...Quer dizer, não. Tu vai andando. Eu tenho que... eu tenho que fazer...tu sabes o quê. Não dá pra segurar! Tchau!
- Ana M. - Tu faz o que tu quer! Eu é que não vou me atrasar por tua causa. (Sai balançando a cabeça).
- Claudio - Patrícia! Patrícia! Espera! Já vou indo! (Sai).

Cena VIII - Patrícia e Claudio no depósito

- Patrícia - Tá aqui, Claudio!
- Claudio - Tá aqui, o quê?
- Patrícia - O depósito, abobado.
- Claudio - Tem certeza de que é esse mesmo?
- Patrícia - Claro que eu tenho certeza. Finalmente! Levamos três horas pra encontrar.
- Claudio - Se a gente tivesse perguntado pra algum vizinho, não teria sido tão...
- Patrícia - Mas teríamos sido apanhados e os nossos planos iriam por água abaixo. Será que tem alguém dentro?
- Claudio - Mas tu disse que...
- Patrícia - Pssst!...
- Claudio - Mas tu disse que ele estava vazio. Que o pai da Ana Maria saiu daqui há mais de um ano.
- Patrícia - Eu sei, mas alguém pode ter tomado conta dele de lá pra cá.
- Claudio - (Abre a porta cuidadosamente).- Tá brincando? Faz séculos que ninguém entra aqui. Esse lugar tá caindo aos pedaços.
- Patrícia - É, bem como eu falei. Faz mais de um ano que ninguém usa esse lugar. Vem, vamos começar a limpar.
- Cláudio - Olha qui.
- Patrícia - Um gubi. E daí?
- Claudio - Mas é da semana passada. Alguém esteve por aqui há pouco tempo. E se ele voltar?
- Patrícia - Para de ficar tão assustado!
- Claudio - Eu, assustado?
(Os dois ouvem alguma coisa).
- Claudio - Vem vindo alguém. Vamos saindo correndo daqui!



- Patrícia - Tarde demais! Fecha a porta e te esconde. E não faz um barulhinho!
(Aparece Ana Maria com sua boneca, do lado de fora).
- Claudio - Viu como ele caminha? Deve ter uma perna de madeira!
(Ana Maria entra no depósito. Os três assustam-se, até que se reconhecem e começam a rir).
- Ana M. - O que vocês estão fazendo aqui?
- Patrícia - O que é que tu tá fazendo aqui?
- Claudio - Eu achei que ninguém usasse esse lugar!
- Ana M. - Tu tens razão. É por isso que eu venho aqui de vez em quando. Aqui ninguém me incomoda, normalmente...quer dizer. Ei, comé que vocês mataram aula?
- Patrícia - Porque...Porque a gente tinha que fazer a mudança, hoje.
- Claudio - (A Ana Maria).- É, a mudança!...
- Ana M. - Mudança?
- Patrícia - É, a gente mora aqui, agora. Eu e o Claudio.
- Claudio - É, é isso mesmo. Eu e ela, e agora eu tenho que ir trabalhar.
- Ana M. - Trabalhar! Criança não pode trabalhar!
- Claudio - Por que não? Alguém precisa ganhar o pão aqui dentro.(Sai).
- Ana M. - Me diz uma coisa, o que que tá acontecendo com vocês? Vocês ficaram doidos?
- Patrícia - Por que? A gente fugiu de casa.
- Ana M. - Vo...Vocês o quê?
- Patrícia - Por que tu não me conta primeiro o que é que tu tá fazendo aqui?
- Ana M. - Por que eu? Esse é o nosso depósito.
- Patrícia - Era o depósito de vocês. Te lembra, o teu pai se mudou o ano passado. E de todo jeito esse lugar vai desabar a qualquer hora.
- Ana M. - Bom, eu sempre venho aqui porque...porque...
- Patrícia - Hã?...
- Ana M. - Bom, quando eles brigam em casa eu venho aqui com a minha boneca até que eles acabem.
- Patrícia - Mas tu sempre dizias que na tua casa era tudo uma maravilha.
- Ana M. - Mas é uma maravilha mesmo. Agora, me conta porque vocês fugiram.
- Patrícia - Tu já respondeu.
- Ana M. - Eu?



- Patrícia - Porque eles ficam brigando em casa, porque o pai fica mandando a mãe fazer isso e aquilo, e fica berrando com a gente...
- Ana M. - Mas isso é assim mesmo. Pais são pais. Não adianta querer mudar.
- Patrícia - Então por que tu te manda quando tem briga em casa?
- Ana M. - Nunca dura muito. É que a minha mãe responde pro meu pai. Quando eu crescer, nunca vou responder pro meu marido. Eu vou fazer tudo direitinho, como ele quiser. E aí não vai dar briga.
- Patrícia - Blá, blá, blá. Eu sei é que não vou mais aguentar as coisas do jeito que elas são. Quando eu crescer, vou aprender a fazer alguma coisa que eu goste, que nem um homem, e quando eu casar, meu marido às vezes vai fazer o trabalho de casa, e às vezes eu é que vou fazer, e às vezes nós dois juntos.
- Claudio - (Chegando).- Patrícia! Patrícia! Já ganhei um dinheiro!
- Patrícia - O quê! Tão ligeiro?
- Ana M. - Não acredito. Tu tá mentindo.
- Claudio - Não tô mentindo, sua cara de bode. Ó aqui: cinquenta pila.
- Patrícia - Grande! Que tipo de trabalho tu tava fazendo?
- Claudio - Eu sou um...um diretor de tráfego de um estacionamento lá adiante.
- Patrícia - Eles te dão dinheiro por isso?
- Claudio - Claro. É bem pertinho do super mercado. Tem um monte de lugares pra estacionar. Daí, vem os carros e eu dirijo os motoristas pra um lugar vazio. As pessoas ficam tão contentes que me dão dinheiro. Quer dizer, alguns dão.
- Patrícia - Genial! Amanhã eu também vou.
- Claudio - Ah, mas é um trabalho só pra homens. Tu vai comprar alguma coisa pra gente comer e eu vou trabalhar pra arranjar dinheiro.
- Patrícia - Ô, péraí! O que tu disse? Pra homens! Já conheço essa conversa: "Só pra homens", "só pra mulheres".
- Ana m. - Mas Patrícia, ele tem razão. Gurias são diferentes de meninas.
- Patrícia - Eu sou uma guria. Mas eu não sou empregada dele.
- Claudio - Pô, Patrícia!
- Patrícia - Tu sabe que a gente saiu de casa porque queria que as coisas fossem diferentes e agora tu começa a querer fazer as mesmas coisas nojentas, tudo de novo!



Ana M. - Tu sempre queres que as coisas sejam diferentes. Esse é o teu problema, Patrícia. Vou pra casa antes que a minha mãe se preocupe comigo. E é bom vocês dois irem pra casa duma vez, também, antes que a polícia venha buscar vocês.

Cláudio - Eu acho que eles tavam brigando na tua casa.

Ana M. - A essa hora já deve ter acabado. A mãe já deve ter feito as pazes com o pai e ele já deve estar legal.

Patrícia - Diz uma coisa: tu não dedou a gente no colégio, né?

Ana M. - Eu só disse que tinha encontrado vocês no caminho do colégio e que o Cláudio não quis ir comigo, e que por sinal eu tinha estranhado muito.

Cláudio e - Tu dedurou a gente! Sacana!

Patrícia

Ana Maria - Contar a verdade não é fazer fofoca.

Cláudio - Se tu espalhar que a gente tá morando aqui eu corto a tua língua!

Ana M. - Eu nunca faço fofoca! (Sai correndo)

Cláudio - Tá na cara que ela vai correndo entregar a gente.

Patrícia - Eu sei.

Cláudio - A gente tem que ir embora daqui.

Patrícia - Vamos esperar e ver. Se ela contar mesmo, a gente sai. Agora vamos dar um jeito nessa bagunça.

Cláudio - Como é que a gente pode morar aqui sem móveis?

Patrícia - A gente usa caixotes, ora.

Cláudio - Mas não tem nenhum por aqui.

Patrícia - Então vamos arranjar alguns.

Cláudio - Onde?

Patrícia - Adivinha?

Cláudio - Ah, diz aí!

Patrícia - No lugar onde o pai trabalha. Eu vi um monte por lá. Quase todos estão vazios, quer dizer que a gente não vai estar roubando. Em geral eles botam fora os caixotes.

Cláudio - Boa! Vamos pegar alguns de lá. Mas ninguém pode nos ver. Vamos andar "furtivamente", como índios. (Dá um grito de guerra indígena.)

Patrícia - Tá ficando louco, cara? Cala essa boca. Tá, vamos lá. (Saem)

Cena IX

Patrícia e Cláudio no Pátio da Fábrica.

Patrícia - Tão aqui eles!

Cláudio - As caixas!

Patrícia - Olha, uma das empilhadeiras! Será que é a do pai?

Cláudio - Pode ser. É bem como ele nos falou.



- Patrícia - Vem, vambora com essas caixas antes que alguém nos veja.
- Cláudio - Cuidado.
(Esgueiram-se até o meio do pátio, onde estão as caixas e a empilhadeira. Alcançam o veículo sem que ninguém os veja. Agora estão mais corajosos.)
- Cláudio - Que máquina incrível! Tu achas que ela pode levantar aquelas caixonas lá?
- Patrícia - Claro que pode. E elas pesam no mínimo meia tonelada.
- Cláudio - Deve ser legal dirigir um desses negócios. (Senta no banco do motorista e fica brincando com os botões.)
- Patrícia - Acho bom tu não te bobear muito com isso aí, ou daqui a pouco o troço liga e chega alguém.
- Cláudio - (Imita o som de um motor.) Brrrrrrrrrr.
- Patrícia - Deixa eu experimentar.
- Cláudio - Senta do meu lado. Tu pode acionar as alavancas. (Patrícia senta a seu lado.)
- Cláudio - Incrível, né?
- Patrícia - Pô, o cara se sente forte prá burro sentado no alto desse negócio.
- Cláudio - Eu vou digirir uma empilhadeira também, quando eu for grande. Vai ser genial. Vou poder zanzar pra lá e prá cá todo dia carregando caixas pesadíssimas!
- Patrícia - Todos os dias, da manhã a noite. Acho que tu ia cansar, lá pelas tantas.
- Cláudio - É, pode ser... Agora, uma coisa é certa: o meu fundilho é que ia reclamar. (Os dois riem)
- Cláudio - Patrícia, vem vindo alguém!
- Patrícia - Ligeiro! Te esconde!
(os dois escondem-se. Rudi vem chegando, com uma alata de cerveja e um jornal.)
- Cláudio - É o pai! E se ele pega a gente!
- Patrícia - Psst! Fica quieto!
(Rudi senta na empilhadeira, abre a lata de cerveja e começa a ler o jornal.)
- Patrícia - Ele deve estar no seu horário de folga.
- Cláudio - Tomara que não demore muito, senão nós vamos ficar entalados aqui o dia inteiro.
- Patrícia - Pssst. Vem vindo mais alguém.
(Entra Carvalho, o Chefe.)
- Carvalho - Tu não tem cabeça, não? Te falei que nóst tínhamos que empilhar duzentas caixas até às quatro horas. Eles vão chegar pra buscar dentro de quinze minutos.



- Pai - O senhor me falou só isso há meia hora atrás. Eu não posso fazer esse serviço tão ligeiro.
- Carvalho - Se tu estivesse trabalhando, em vez de ficar sentado aí tu já estarias no fim, patetão!
- Pai - Mas tá na minha hora de folga!
- Carvalho - Tua hora de folga! Tu já me viu tirando folga? Chega de atrevimento e começa a trabalhar! Eu é que sou responsável por tudo aqui, e as caixas tem que estar prontas há hora. Tu achas que eu quero que o chefe venha me xingar?
- Pai - (Resmungando).- Não tenho culpa se o senhor não me falou antes.
- Carvalho - Tô te falando pela última vez, chega de impertinência. Se tu começar a criar dificuldades, eu é que vou fazer as coisas ficarem difíceis para ti. Acho que tu entende o que eu quero dizer. Ou tu te agarras ao serviço de uma vez ou já pode ir procurando outro emprego. Tem um milhão de sujeitos aí fora que iam pular de alegria se tivessem um trabalho como o teu. Não esquece isso!
- Pai - Olha, seu Carvalho, eu não sou preguiçoso, se é isso o que o senhor tá pensando. Eu tenho direito a duas paradas pra descanso por dia. É lei.
- Carvalho - Escuta aqui, Oliveira! Eu não tenho tempo pra ficar discutindo, muito menos contigo. Faz o que eu tô mandando ou te manda. E se tu te mandar, eu vou achar muito bom.
- Pai - (Larga a cerveja, dobra o jornal).- Não se preocupe, eu faço o serviço.
- Carvalho - Agora tu tá começando a ter juízo. Se tu tivesse feito o que eu pedi desde o começo, eu não teria que ter gritado tanto.
- Voz - (Fora de cena).- Carvalho, vem cá!
- Carvalho - Já vou indo, chefe. (Carvalho sai. Rudi o segue).
- Patrícia - Tu viu isso?
- Claudio - Claro que vi. Tux acha que ia dormir com um barulho desses?
- Patrícia - Aquele cara tri-tu-rou o pai, bem como ele faz com a gente.
- Claudio - Vam'bora daqui antes que ele volte.
- Patrícia - É, vam'embora.
- Claudio - E as caixas?
- Patrícia - Esquece as caixas e vamos.
(Os dois saem correndo).



- (Patrícia e Claudio voltam ao depósito. Estão cansadíssimos. Patrícia está pensando em alguma coisa).-

Claudio - O pai pode ter visto a gente.

Patrícia - O quê?

Claudio - Que é que tá havendo contigo? Perdeu a cabeça ou coisa parecida?

Patrícia - O pai não pode nem parar pra lancher, no trabalho. Ele se deixa ser empurrado pra lá e pra cá como no jardim de infância. Por que ele não faz nada pra dar um jeito nessa situação?

Claudio - Ele não pode. Ele ia pra rua se fizesse. Tu viu bem, né?

Patrícia - Não acredito nisso, não acredito! Eu acho que o pai podia, sim, fazer alguma coisa.

Claudio - Ele podia ir embora, quem sabe. Aí eles iam ver.

Patrícia - Aí eles não iam ver nada. Ele tem que ficar lá. Ele tem que ficar e fazer alguma coisa pra os caras não tratarem ele da quele jeito.

Claudio - Então a gente não devia ter fugido de casa. Não tá certo ir embora como a gente fez.

Patrícia - É isso aí. Fugir não adianta nada. É bobagem. É ficar no mesmo lugar.

Claudio - O que que é ficar no mesmo lugar?

Patrícia - Presta atenção. - (Canta).-

O patrão grita com o Carvalho

O Carvalho grita com o pai

O pai grita com a mãe

A mãe grita conosco

Por que a gente fugiu da mãe

A mãe tem medo do pai,

O pai tem medo do carvalho

e o Carvalho tem medo do patrão.

Porque, se tu não lutas, tu te sentes lá embaixo-Puxa Vida!

E isso faz os outros se sentirem lá em cima.

E é sempre a mesma história

Até que alguém diga Vai Mudar!

Levanta,

Luta pelos teus direitos

E segue perguntando coisas

Que fazem os outros pensar.

Levanta, luta pelos teus direitos!

Levanta, luta pelos teus direitos!

(Enquanto cantam, tomam o rumo da casa).-



Cena XI - No apartamento

- (Ana Maria bate à porta).-
- Hilda - Está aberta!
- Ana M. - (Hipócrita).- Oi, dona Hilda, o Claudio e a Patrícia ainda não chegaram?
- Hilda - Não. Eu também não sei onde eles estão.
- Ana M. - Mas eu sei.
- (Patrícia e Claudio surgem na cena, ainda fora do apartamento).-
- Hilda - E então, onde eles estão, Ana Maria?
- Ana M. - Bom, eles não foram ao colégio hoje. Isso eu posso garantir pra senhora.
- Hilda - O quê?
- Ana M. - A senhora sabe, é o seguinte: eles queriam...
(Patrícia e Claudio entram no apartamento).
- Patrícia - Tamo aqui de novo!
- Claudio - Em casa!
- Hilda - Estou vendo. Quer dizer que vocês dois não foram ao colégio, hoje?
(Ana Maria escreve).-
- Claudio - Nós queríamos fugir.
- Hilda - Vocês queriam o quê?
- Patrícia - Nós queríamos fugir.
- Claudio - Por um ano talvez.
- Patrícia - Ou dois meses, pelo menos.
- Claudio - Uma semana inteirinha, é certo!
- Hilda - Mas o queé que está acontecendo aqui? Como... .
- Patrícia - Por causa do pai. Por que ele é sempre tão injusto!
- Claudio - E por que ele sempre briga com agente quando vem do trabalho!
- Patrícia - Sempre briga!
- Claudio - Aí a gente resolveu ir embora!
- Hilda - Vocês quiseram mesmo ir embora? Mas...Mas venham aqui na cozinha primeiro. Vamos fazer alguma coisa pra comer e aí a gente pode pensar no que fazer.
(Vai até a cozinha com Patrícia e Claudio).
- Ana M. - A senhora quer que eu ajude, dona Hilda?
- Rudi - (Entra. Vai até a mesa, atira seu casaco numa poltrona com fúria e vai sentar-se quando nota que a mesa ainda não está posta).- Ainda não botaram a mesa? Droga! Seis horas e a mesa ainda não foi posta. Ô, Hilda! Hilda! Hilda! Cheguei!
- Hilda - (Da cozinha).- E eu estou aqui.
- Ana M. - Como vai, seu...



- Rudi - São seis horas!
- Ana M. - É, seis em ponto.
- Rudi - Então onde está a minha janta?
(Saem todos da cozinha e param todos diante dele).-
- Rudi - Por que estão me olhando, seus bonecos? Onde é que está a minha janta? Foi um dia terrível, trabalhei o dia inteiro!
- Hilda - (A Patricia).- Onde está a minha janta, trabalhei o dia todo.
- Patrícia - (A Claudio).-Onde está a minha janta? Trabalhei o dia todo!
- Claudio - (À Ana Maria).- Onde está a minha janta? Tra balhei o dia todo!
- Ana M. - (Desconcertada).- Ahn...Ahn...Eu faço alguma coisa de janta se tu quiseres...
- Rudi - Isso é pra ser alguma brincadeira, é? Alguém pode me ensinar as regras?
- Hilda - As tuas regras! A Patrícia e o Claudio quiseram fugir de casa por tua causa!
- Rudi - Fugir! Por minha causa? Vocês tão todos loucos! Que diabo de história é essa?
- Hilda - Porque tu foste sempre tão amigável, tão prestativo e nunca deste ordem a ninguém.
- Rudi - Muito engraçado. Agora chega de piada. Acho que eu vou acabar saindo do sério! Vocês querem arranjar problema pra mim. Bom, mas eu já tenho problemas suficientes no trabalho. Mas pelo menos, lá, eu consigo que as coisas sejam como eu quero. Eles sabem que quando eu digo pão é pão, quando é queijo é queijo!
- Patrícia - Não é verdade e tu sabe muito bem!
- Rudi - Tá me chamando de mentiroso?
- Claudio - A gente esteve lá, hoje, no pátio onde tu trabalha.
- Rudi - É? E fazendo o quê?
- Claudio - Procurando caixas.
- Rudi - Que prova você tem?
- Patrícia - A gente viu quando aquele cara...
- Claudio - Gritou contigo o tempo todo...
- Patrícia - E fez o que quis contigo...
- Claudio - E tu não fez nada...
- Rudi - Chega, chega! Não quero ouvir mais nada. Calem a boca!
- Patrícia - Tu continuas nos dando ordens!
- Rudi - Eu? Para com isso! De todo jeito, eu continuo responsável por tudo que acontece aqui dentro!
- Claudio - Foi bem assim que aquele cara falou, aquele que gritou contigo.



- Rudi - Se vocês começarem a criar dificuldades, eu vou tornar as coisas difíceis pra vocês. Vocês ouviram bem!
- Claudio - Ele falou isso também!
- Rudi - (Não pode falar de tanto furioso).- Eu...Eu nem posso acreditar.
- Patrícia - Essa é uma coisa que ele não falou.
- Hilda - Se as crianças quiserem ir embora de casa, eu vou junto com elas.
- Ana M. - Acho melhor eu ir, também. (Sai).
- Rudi - E eu?
- Hilda - Tu podes ficar dando ordens a ti mesmo.
- Rudi - Eu tô perdendo a cabeça.
- Hilda - Tu estás te repetindo.
- Rudi - Tá, e o que é que tu queres? Me diz?
- Hilda - Nós queremos que as coisas mudem. Nós queremos viver bem uns com os outros, e se não for possível então só teremos que nos separar!
- Rudi - Mas, mas Hilda, tu não podes fazer isso. Pensa nas crianças. (Tenta salvar-se através da ironia).- Então, tu achas que eu devo me transformar...
- Hilda - Tu estás começando a entender.
- Rudi - Então eu sou o tirano da família e o terror das criancinhas, e vocês são os pobres escravos oprimidos que sofrem por minha causa.
- Hilda - É uma maneira de dizer.
- Rudi - (Muda de tática e finge estar de acordo).- Tá legal. Vou me modificar. Se é o que vocês querem, estou as ordens de vocês. Agora eu entendo. (Suspira e cai na poltrona).- Mas antes de começar eu preciso de uma cerveja. Patrícia, me dá uma. (Patrícia não se mexe).- Ah, desculpa! Eu mesmo pego. Afinal, eu sei o lugar de tudo, não é? (Sai. Todos estão atônitos. Volta).-Hahaha! Engraçado, né? Vamos lá! Podem rir! Rir é o melhor remédio! O que é que eu posso fazer por vocês? Espanar a casa? Fazer as lições de vocês? Ensaboar as meias? Cozinhar? Varrer a casa? Ei, onde está meu avental?
- Patrícia - Na cozinha.
- Rudi - Na cozinha! Eu devia saber! Que jumento eu sou! Bom, vamos ver o que tem pra comer!
- Hilda - Tem uma lata de sardinha no refrigerador.
- Rudi - (Da cozinha).- Sardinha, sardinha. Bom, vou comer sardinha. Ah, e os pratos ainda não foram lavados. Já senti que o papai-zinho vai ter que se encarregar disso também. Onde está o raio do abridor? Tá aqui. Aiii!



- Claudio - Acho que a sardinha mordeu o dedo dele.
- Rudi - (Reaparece chupando o dedo).- (Com uma toalha no braço, finge ser um garçon de primeira classe, enquanto vai pondo a a mesa).- Com licença? Delicioso! Delicioso! Um aperitivo francês. Sardinha com azeite. Querem um pouco? Bem, antes eu tenho que lavar a louça e fazer as compras. (Todos estão encantados).- Por que vocês estão tão contentes?
- Hilda - Porque tu queres lavar os pratos.
- Rudi - Tá, agorachega. Cabô a brincadeira. Vocês sabem que eu só tava brincando.
- Hilda - Tu estavas só fingindo?
- Patríciz - Mas que droga! Logo agora que eu já tava me aprontando pra ajudar.
- Rudi - Tu ias me ajudar?
- Hilda - Claro, nós podíamos fazer tudo juntos...
- Rudi - Bom, se vocês querem mesmo ajudar...
- Hilda - Claro!
- Rudi - Se vocês acham mesmo...
- Hilda - Eu vou lavar a louça com o Claudio...(Vão os dois pra cozinha)
- Rudi - Eu vou fazer compras com a Patrícia. Assim é diferente. Eu achei que ia que fazer tudo sozinho. (Patrícia assobia a musica do "Luta pelos teus direitos").- O que é que tu tá assobiando?
- Patrícia -Ah, é só uma música:

"Levanta, luta pelos teus direitos..."

Cena XII - No pátio da fábrica

- (Rudi entra no palco cantando "Luta pelos teus direitos". Continua assobiando e cantando enquanto examina a empilhadeira. Deita-se no chão e começa a arrumar alguma coisa).-
- Rudi - Maldita embriagem! Tá sempre estourada. (Canta a canção).-
- Carvalho - (Chega do fundo).- O que é que tu tanto furunga nesse motor do teu carro? Que tal sentar no banco e trabalhar um pouco? Por tua causa, seu pamonha, nunca temos um carregamento pronto na hora!
- Rudi - O que tu queres que eu faça se essa porcaria desse motor tá sempre estragando?
- Carvalho - Tu nunca tens tempo pra trabalhar, mas sempre tens tempo pra arranjar desculpas. Tu é que deves cuidar mais do motor.
- Rudi - Eu cuido desse motor.
- Carvalho - Não começa a bancar o valente comigo. Eu posso usar outra linguagem contigo e tu sabes disso. Eu posso muito bem descontar dinheiro do teu salário por destruição do patrimônio da fábrica.



- Rudi - Essa coisa aqui tem no mínimo doze anos, então como é que o senhor quer que ela funcione como se tivesse um motor no vinho em folha?
- Carvalho- Olha. Oliveira, eu acho que tu não me entendeste. Eu não vou esperar por essas tuas constantes pausas pra consertar esse carro. Se tu cuidasses melhor dele, não ia haver nada disso. Agora eu acho que finalmente consegui botar um pouco de luz nessa tua cachola!
- Rudi - É, luz demais, mesmo! E agora chega, Carvalho! Tu não vais mais gritar comigo desse jeito sem razão. O senhor já foi longe demais. Longe demais, ouviu, seu Carvalho?
- Carvalho -Cälma, homem, não precisa explodir...
- Rudi - Eu ainda não acabei. Eu e os outros motoristas aqui não vamos mais deixar ninguém ficar nos enchendo o saco nas horas de folga e nem gritar conosco por causa dessas máquinas caindo aos pedaços. Nós vamos levar o caso pro sindicato. Agora tu podes ir correndo lá no patrão e enfiar isso pela goela dele abaixo. Os trabalhadores da seção de distribuição não vão mais concordar com essa trapaça de vocês. É isso, pode ir embora agora que eu tenho mais o que fazer. Some!
- Carvalho- Pô, Rudi! A coisa não é assim tão preta. Tu não vejo bem assim.
- Rudi - Mas eu acho que é. E desde quando o senhor me chama de Rudi! Eu aviso o senhor quando puder me chamar de Rudi. Agora, desaparece daqui.
- Carvalho- Cara, eu não acho mesmo que seja assim. Não posso fazer nada. O patrão insiste em que eu dê duro em vocês. Quando alguma coisa dá errado, ele joga toda a culpa em cima de mim. Tu tinha que ver a cara dele; O que tu farias no meu lugar?
- Rudi - Eu ia lutar pelos meus direitos. Não ia concordar com esse jogo. E uma coisa eu lhe garanto: se o senhor resolver responder à altura pra ele e tiver coragem de dizer o que ele merece ouvir, pode contar conosco pra lhe dar força!
- Carvalho- Tá bom. Então...Bem...Boas intenções eu tenho...
- Patrão -(Voz).- Carvalho!
- Carvalho - Opa! Eu tenho que ir. Tu ouviu, né? Eu peço desculpas por aquilo de antes. Eu não fazia idéia de que fosse assim... Bom, até depois.
- Rudi - Olha só o velho Carvalho...Parece um outro sujeito!
(Canta a música "Luta pelos teus direitos").



Cena XIII - Em casa

(Rudi chega em casa com uma sacola de verduras, que coloca em cima da mesa. Vai pra cozinha e volta vestindo um avental. Limpa a mesa enquanto canta "Luta pelos teus direitos". Então, leva a sacola pra cozinha. Hilda entra carregando uma sacola de verdura e a coloca sobre a mesa).-

Hilda - Rudi? Já estás em casa?

Rudi - (Vindo da cozinha).- Tô aqui. Puxa, aqui estou eu! Tu não podes imaginar como eu tô contente! Tô voando! Falei hoje com os outros trabalhadores, lá com os meus colegas. Eles tem os mesmos problemas com o Carvalho. Tu sabes toda a estória. E eu hoje deixei que o Carvalho levasse a parte dele. Eu acho que...Puxa, eu acho que valeu! Primeiro ele me olhou como se eu tivesse louco. Até que depois ele foi ficando camarada. Tô te falando. Ele era uma pessoa completamente diferente!

Hilda - O seu Carvalho, camarada?

Rudi - Doce como mel! Eu não sei porque deixei ele deitar e rolar comigo por tanto tempo. E essa sacola de verdura?

Hilda - Que que tem ela?

Rudi - Eu poderia jurar que acabei de levá-la pra cozinha. (Ele vai pra cozinha, confuso).

Hilda - (Segue-o com a sacola).- Ah, não, tu também fizeste compras? (Patrícia, Claudio, Ana Maria entram com uma sacola parecida).-

Patrícia - Mãe, pai...!

Claudio - Já nos encarregamos das compras!

(Rudi e Hilda aparecem com suas sacolas).-

Hilda - Não me digam...

Claudio - Ovos, leite, pão!

Hilda - A mesma coisa que eu comprei.

Rudi - E eu também.

Ana M. - Eu avisei que isso ia acontecer! Fazer compras é trabalho de mulher.

Rudi - Bobagem! Só é preciso dividir bem o trabalho, pra economisar o tempo de todos. Nós vamos aprender logo. Agoravamos jantar. (Vai com Hilda pra cozinha).

Ana M. - Puxa, ultimamente o pai de vocês anda tão estranho...Bem diferente do meu.

Claudio - Quem sabe tu não gostas mais do jeito do teu? (Irônico)

Ana M. - Bom, não tenho certeza. Mas será que está certo fazer as coisas assim?

(Toca a campainha)



- Ana M. - (Olha pelo buraco da fechadura).- Ai, ai, ai, problema à vista! É o velho Libório. Viram, o pai de vocês não podia estar fazendo o que ele tá fazendo!
- Claudio - Tu é besta mesmo, de vez em quando, hein? (Abre a porta).
- Libório - Posso falar com o teu pai?
- Patrícia- E com a minha mãe também.
- Libório - Mas eu quero falar só com o teu pai.
- Claudio - Ele tá cozinhando.
- Libório - É o quê? Ora, não seja bobo! De uma vez por todas, eu quero falar com o pai de vocês.
(Rudi chega da cozinha com um avental e um chapéu de cozinheiro).
- Claudio - Ó, pai, o seu Libório insiste em falar com a mãe.
- Libório - Ridículo! Dona Oliveira...quer dizer...seu Oliveira. Meu Deus, olhe bem pro senhor.
- Rudi - O senhor queria que eu cozinhasse de smoking, seu Libório?
- Libório - Cozinhar? Sua mulher abandonou o senhor?
- Ana M. - (Depreciativa).- Não, eles dividem todo o trabalho agora.
- Hilda - (Entra).- Qual é o problema, seu Libório?
- Libório - Eu tenho que falar com o seu marido, dona Hilda. É sobre o novo apartamento.
- Rudi - O senhor pode falar com a minha mulher. Eu estou muito ocupado. (Sai).
- Libório - Bom, é a respeito das crianças.
- Hilda - Bem, então fale com as crianças. Eu tenho muito o que fazer. (Sai).
- Claudio - Então, o que é que a gente pode fazer pelo senhor?
- Patrícia- Gostaríamos de ajudar.
- Libório - (Para as crianças).-Bom, é que tem havido muitas reclamações... Ah, mas isso é ridículo! Pela última vez: quero falar com o pai de vocês. (Vai para a cozinha).
(Rudi sai com uma bandeja de pratos).
- Libório - (Seguindo-o).- Olhe, seu Oliveira. O senhor quer fazer o favor de tirar esse avental e me escutar? Eu quero falar com o homem da casa.
- Rudi - (Dá-lhe a bandeja com os pratos).- Segure isso pra mim, faz favor? Obrigado. (Forma uma corrente com Patrícia e com Claudio. Eles trabalham juntos em harmonia, com Libório segurando os pratos que Rudi vai passando para as crianças que os colocam nos lugares certos).-
- Libório - (Sem saber o que fazer).- Bem...é...é a resposta do novo apartamento...

- Ana M. - (Admirada).- Que legal! Vou praticar com a Pepita, em casa.
- Patrícia - Melhor ainda se tu praticasse com o teu pai e a tua mãe.
- Libório - Meu Deus! Esse lar está desmoronando! Não há ordem! Não há respeito! Vou lhes dizer uma coisa: o novo apartamento...
- Rudi - O senhor o conseguiu pra nós. Eu sei. Ótimo!
- Libório - Engano seu!
- Hilda - Engano de ninguém. Fizemos algumas pesquisas no departamento de habitação municipal.
- Rudi - Sabemos que a lei agora é: famílias com crianças estão definitivamente e automaticamente garantidas. Quando o edifício onde moram é demolido tem total direito a receber um apartamento novo. Mesmo se elas tem crianças que não passam o dia todo acorrentadas.
- Libório - O senhor acredita...
- Rudi - Nós com toda a certeza não acreditamos no senhor...
- Hilda - Por que o senhor não desiste? Não pode mais nos lograr.
- Patrícia - Vem cá, Ana Maria!
- (As crianças formam um círculo em torno de Libório. Enquanto dançam, cantam: Levanta, luta pelos teus direitos)
- Libório - (Furioso).- Vocês não vão chamar essas pestes!? Isto é horrível! Eu estou avisando vocês. Vocês ainda vão ouvir falar de mim, seu Oliveira! Dona Oliveira, dona cozinheira. Façam o que vocês....Ah, chega! (Sai).
- Hilda - (Rindo).-Acho que ele não sabe mais o que está fazendo.
- Claudio - E alguma vez ele já soube?
- Rudi - Tudo bem. Hilda, vamos lá fazer a janta.
- Hilda - Quê?
- Claudio - Opa, opa! Vamo lá, Rudi, fazer a janta!
- Hilda - Eu ajudo.
- Ana M. - Sabe que tá bom pra burro aqui, agora!
- Patrícia - E tu falava que nunca ia dar certo.
- Ana M. - Não falo mais. Tá legal mesmo. Vou tentar fazer a mesma coisa lá em casa.

(Cantam todos: "Quando vou pra casa e a mãe grita...")

F I M



PUXA VIDA!

(Volker Ludwig) e Reiner Lücker/

Ana Maria, menininha exemplar, brinca com sua boneca, enquanto can
ta.

Ana Maria - Papai vai trabalhar
Pra ganhar dinheiro
Pra mim é meu papai
Um herói verdadeiro.

Mamãe sabe cozinhar
Mamãe sabe costurar
Sabe lavar e remendar
E isso eu acho legal.

Eu ainda sou menina
Mas logo vou crescer.
Serei também dona-de-casa
Terei no colo um bebe.

O marido vai ganhar dinheiro
E eu farei o que ele disser.
Será exatamente desse jeito
À mamãe já perguntei.

Surtem Patrícia e Claudio, lutando ("Os dois demonstram gostar quan
do Ana Maria os leva a sério"), ^{brincadeira em} ~~que~~ Patrícia sempre leva a me
lhor. O Sr. Libório ^{Síndico do edifício} ~~zelador da casa~~, surge ("Deixa a meni
na em paz, seu moleque!" / "Voce pare, hein! Em menina não se ba -
te!"), está se dirigindo à casa de Dona Hilda, mãe de Patrícia e
Claudio. Deve comunicar que ela terá que se mudar imediatamente,
pois a casa será demolida. D. Hilda receberá, evidentemente, um
novo apartamento, naturalmente duas vezes mais caro que esse: "A Se
nhora já deve calcular uns 800 cruzeiros". E se ela não puder pa
gar, que volte a casar-se (ela que é só).

Na rua as tres crianças, mas sob a orientação de Ana Maria, brin -
cam de família, de como deve ser uma de verdade.

C. 799.80
U. 671.26
E. 767.16

37591.

- Ana Maria - É, por mim, brincamos os tres. Então, aqui é nossa sala. E ali fica a TV.
- Patrícia - Eu sento aqui na minha poltrona.
- Claudio - E eu sento aqui na minha poltrona.
- Ana Maria - Papai ve televisão e nós temos que ficar calados, e eu brinco com Evinha. - Vá remendar meias!
- Patrícia - Eu achei que tinha que ver televisão.
- Ana Maria - Voce pode, sim, mas tem que remendar também. Mamãe também tem sempre alguma coisa pra fazer.
- Patrícia - Remendar - remendar - remendar.
- Ana Maria - Papai?
- Claudio - Sim, minha filha?
- Ana Maria - Tá errado! Voce tem que berrar "sossega!"
- Claudio - Sossega!
- Ana Maria - E agora faça certo. - Papai?
- Claudio - Sossega!!
- Ana Maria - E agora - "Ei! Cade o café?"
- Claudio - Ei! Cade o café?
- Patrícia - Mas claro que eu também quero ver esse filme! Não é só voce!
- Ana Maria - Tá errado! Voce tem que dizer "Sim, já vou" e sair correndo!
- Patrícia - Uma mãe idiota como essa não existe, de jeito nenhum.
- Ana Maria - Minha mãe não é idiota! Voces só não podem brincar direito porque não tem pai!
- Claudio - De um pai tão imbecil também a gente não precisa...
- Patrícia - Além disso, nós não brincamos se voce só fica mandando!
- Ana Maria - Mas se é assim com "pai-mãe-filho"!
- Claudio - É, está bem, então agora eu berro - Saia! Vá pra cozinha! E rápido!
- Patrícia - Que foi que deu em voce, hein?
- Claudio - Cala essa boca! (Patrícia dá-lhe um leve ponta-pé)

67.44 = 2948

Ana Maria - Ora, Patrícia, voce tem que obedecer, como mamãe. Tá, então eu brinco mesmo com Evinha, se voces não brincam direito. Evinha faz sempre o que eu digo, mesmo. Evinha só me dá gosto! (Sai)

Patrícia - Mas um pai não é nenhum macaco berrão ... um pai bem que seria legal ... mas um assim ...

Claudio - Parece que o de Ana Maria é assim.

Patrícia - E voce acha que a mãe ia aceitar esse berreirô?

Claudio - Se ela fosse casada, talvez tivesse que aceitar.

Patrícia - (canta) Voce está doido! - Puxa, vida!...!

Eu queria ter um pai

Ia ser mesmo bem bacana

Um homem em casa, para a gente.

Bem legal para a gente.

Mas um pai que só berra - puxa vida!

Que só ocupa e fica falando - puxa vida!

Que vive grudado na TV - puxa vida!

E bate tanto na gente - puxa vida!

Que se pode fazer com um cara assim?

Puxa vida! Puxa vida!

Puxa vida, puxa vida

As meninas tem sempre que trabalhar.

Todo lixo, toda sujeira,

A gente tem que limpar.

Puxa vida, puxa vida,

Os homens nunca ajudam

Um barro, tudo pinota

Fra mim isso é nojento!

Os dois -

Puxa vida, puxa vida,

Vamos começar juntos

Menina, menino, mulher e marido

É tudo igual

E quem agora disser

Que alguns são "mais iguais"

São mais fortes e melhores

Está falando besteira!

68.42 = 2856

II

Pela manhã, todos despertaram na casa de D. Hilda. "A cena deve mostrar que, apesar de muita agitação, o clima na família sem pai determina uma amigável distribuição de trabalho". O contraste se dá quando a D. Cleonice, a mulher do vizinho, chega para tentar bisbilhotices. ("Quando se tem crianças, não se fica o dia todo fora trabalhando!"). Ela argumenta sobre educação severa e chances de aluguéis a casais sem filhos, de conseguir apartamentos em edifícios novos e sentencia "atrícia e Claudio: "Estes garotos deviam ir para um internato!"

III

Foi anunciada uma visita. Ao invés da pessoa esperada, surge às pobres crianças um vendedor de livros, recomendando o "Mundo Maravilhoso da Mulher": "Tudo que a mulher moderna precisa saber, está aí! Como se tornar bela para o marido, como os homens querem ser tratados, como fazer em casa a comida de que ele gosta, seus desejos mais secretos revela "O Mundo Maravilhoso da Mulher" à senhora. "O Mundo Maravilhoso da Mulher sabe o que os homens desejam". A mãe (muito irritada, até já foi ao cabeleireiro) manda o representante embora. Faz mais um retoque na toilette.

Claudio - Mamãe, por que é que voce está se pintando assim?

Mãe - Porque vou receber visita.

Claudio - Por que a visita é um homem?

Mãe - Não .

Claudio - Por que é que voce não se pinta quando é a tia Elvira que nos visita?

Mãe - Ela não liga pra isso.

Claudio - Então como é que voce sabe que o homem que vem hoje liga?

Mãe - Os homens gostam assim.

Claudio - Entao voce se pinta porque a visita é um homem, pra que ele fique olhando pra voce, nao é?

Mãe - Não, é porque fica mais legal.

Claudio - Por que voce nao fica tao bonita pra a gente, mas só pra o homem?

Mãe - Porque - os homens querem é assim.

Claudio - É, entao esse idiota que chegou aqui estava mesmo certo com essa besteira de que uma mulher faz só o que o homem quer?

68.46 = 3128

Mãe - Não, eu também gosto.

Claudio - Por que, então, os homens não se pintam, sempre só as mulheres?

Mãe - Não sei.

Claudio - Porque os homens, por si, são bonitos e as mulheres só ficam bonitas até que um homem olhe mesmo para elas.

Mãe - Ah, ve se para com isso!

Chega a visita. A mãe, supondo fosse o importuno representante, vai recebê-lo, furiosa, de robe. Lá fora está Rudi, chapéu na cabeça, bola e boneca debaixo do braço, rosas na mão esquerda)

Mãe - Ah, "Rudi, é você, já... eu pensei... sim... vamos, entre

Rudi - (Entra, admirada, tropeça nos degraus) Primeiro posso... por favor... (entrega as rosas)

Mãe - Mas Rudi, não era preciso! Eu deixo vocês sós por um instantinho...

Rudi - Então você é Patrícia! Tenho uma coisa aqui pra você! (Dá-lhe uma boneca de presente) Isto é pro Claudio! (Joga-lhe ^{uma} bola)

Claudio e

Patrícia- Obrigado.

Claudio - Hum, legal...

Patrícia- (Deixa a boneca cair) Ih, uma bola! (Jogam futebol, deixando Rudi em pé)

Rudi quer levar um papo com Cláudio sobre seu carro. Fica-se sabendo (depois de Claudio perguntar, em vão, a Rudi "E o que é que você quer com a gente?"), que Rudi dirige empilhadeira na mesma firma em que a mãe faz embalagens de lâmpadas elétricas. Por que não vice-versa? Rudi sussurra à mãe: "Só homens dirigem empilhadeiras"

Mãe - Só homens dirigem empilhadeiras.

Claudio- Pra isso é preciso muita força?

Rudi - Mas, claro! Não, funciona a eletricidade.

Patrícia- E por que é que só os homens dirigem empilhadeira?

Mãe - Porque é assim mesmo.

Rudi - Porque - é tanta técnica...

67.45=3015

Patrícia - As mulheres não podem aprender?

Rudi - Não sei - mas isso não é coisa pra mulheres.

Patrícia - Não é nada justo.

As crianças percebem que a mãe quer se casar com Rudi. Eis que volta, de surpresa, o representante, que Rudi agora expulsa com violência. "A família se surpreende e admira o novo dono da casa."

IV

Tres meses depois. De acordo com as convenções, passada a fase do namoro do pretendente Rudi, agora, depois do casamento, voltou a atmosfera cotidiana. Ao voltar do trabalho Rudi grita com a mulher, que trabalha agora meio-turno como faxineira, e reforça sua autoridade com coisas como "Traga para casa tanto dinheiro quanto eu e aí a gente conversa!" Juntamente com as crianças, que ele vive ralhando porque não se interessam em fazer comidinhas especiais para ele, chega Ana Maria. Dela ele se tornou logo bom amigo.

Pai - É, é, você é uma boa menina. Com você Patrícia ainda pode aprender uma porção de coisas.

Claudio - Mas futebol Patrícia joga legal!

Pai - Ninguém lhe perguntou. Vamos, corra e me traga uma garrafa de cerveja!

Claudio - Eu posso também trazer um sorvete pra a gente?

Pai - Vocês ontem já ganharam sorvete...

Klaus - E você também já bebeu cerveja ontem...

Pai - Agora chega! Tenho que fazer você andar?

A situação familiar que se estabeleceu no começo, na brincadeira sob a direção de Ana Maria, tornou-se agora realidade: o pai faz as crianças se virarem como se fossem seus criados.

V

Ana Maria, Patrícia e Claudio brincam de empilhadeira: carregam os elefantes imaginários. Ana Maria é a mulher do motorista e faz tudo "maravilhoso para ele em casa". Depois do trabalho ele recebe a diária e a mulher não recebe nada. Por isso Ana Maria quer trocar e dirigir também a empilhadeira, enquanto Claudio (como o marido),

67.46 = 3082

mal-humorado, lava o chão. Patrícia toma o papel do chefe, que agora paga o salário.

Patrícia - 50, 100, 150, 200, 250. Ah, não. É muito - 230, 210, 190
Voce recebe menos mesmo porque é apenas uma mulher.

Claudio - E eu ganho mais, porque sou homem e, além disso, eu fiquei o dia todo de joelhos pra lá e pra cá esfregando o chão e ela só fez carregar elefantes.

Patrícia - Pense, ora! Pra trabalho de casa não tem nada!

Claudio - Mas isto não está certo!

Patrícia - Eu digo que está!

Ana Maria - A mamãe ganha bem dinheiro. Pechinchando! (Espanta-se consigo mesma)

Patrícia - São, no máximo, dez contos! Pra trabalhar um bocado num mes. Salarinho legal, hein?

VI

A mãe quer também sair à noite, sozinha^{tal} como seu Rudi: com uma amiga para o boliche (Pai: "Uma mulher casada andando por aí no escuro, e isso eu tenho ainda que pagar também?"). O conflito se agrava e o casal entra em um desafio:

Pai - Eu ganho tres vezes mais que voce, puxa vida!

Mãe - Mas não é justo, isso voce também sabe - puxa vida!

Pai - Meu trabalho é muito pesado.

Mãe - Que nada! Eu dou mais duro ainda, e sem ganhar nada! Pra limpar, pra lavar, pra sersua criada, pra cozinhar, voce se encosta em mim - puxa vida, puxa vida!

Pai - (aos berros) Que é que voce quer?..?! Querreceber pagamento pelo trabalho de casa? Então eu posso logo contratar uma empregada! Ficou doida, é?

67.40 = 2680

Quando o pai está de novo olhando TV, volta o Sr. Libório. Há problemas com o novo apartamento... que chegaram queixas por causa das crianças mal-educadas, que isso não pode acontecer quando se mudarem para o novo apartamento. O pai terá que fazê-los se comportar. O pai o promete, enfaticamente.

Por que é que ficou tão desagradável depois que temos este homem e novo pai em casa, que vive sempre gritando e dando ordens? Por que é mesmo que a mamãe se casou com ele?

Mãe - Porque eu, apesar de tudo, gosto dele, e porque é tudo mais fácil, com um marido! E porque vocês precisam de um pai, foi o que pensei! E porque, sozinha, eu jamais poderia pagar o apartamento! E porque todos me reclamam e criticam, quando a gente está sozinha!

As crianças resolvem ir embora de casa. Querem se abrigar no caramanchão abandonado pelos pais de Ana Maria e levar suas vidas a seu gosto.

VII

Apesar da intromissão de Ana Maria, conseguem Patrícia e Claudio livrar-se dela no caminho para a escola e vão para o caramanchão.

VIII

Patrícia e Claudio ocupam o caramanchão. Mas não ficam muito tempo sós: chega Ana Maria. E o que é que ela veio fazer neste lugar abandonado?

Ana Maria - Eu venho mesmo pra aqui porque - porque...

Patrícia - Por que?

Ana Maria - Porque, quando tem zoada em casa, eu venho pra cá com Evinha, até que acabe.

Patrícia - "as voce disse que em sua casa é tudo legal. (...) E por que é que voce se manda, então, porque tem zoada?

68.40=2120

Ana Maria - Mas vai passar logo! É só porque a mamãe contrariou o papai... Quando eu crescer vou ser sempre legal pra meu marido e nunca contrariar, aí não acontecem essas coisas. Além disso, não se pode se mandar.

Claudio, que saiu à procura de trabalho, traz pra casa o primeiro dinheiro ganho: por ajudar num estacionamento ganhou um cruzeiro de um motorista. Por isso, logo se mostra como o patriarca (por brincadeira), a gritar pela comida. Patrícia e Claudio receiam que Ana Maria possa denunciar seu refúgio e pensam, assim, em uma mudança. Mas querem, primeiro, mobiliar seu apartamento: com caixas que pretendem apanhar no pátio de carregamento, onde o padraço trabalha.

IX

Quando, escondidos, desejam apanhar as caixas no pátio, observam como o padraço é tratado pelo chefe Carvalho, no momento em que ele (de direito) quer fazer o intervalo ao meio-dia.

Carvalho - Voce não está bom da cabeça. Já lhe disse que, até uma e meia, deve ser feito o carregamento de duzentas caixas! Em quinzeminutos serão recolhidas!

Pai - Mas o senhor só me disse isso há meia hora. Tão rápido não pode ser.

Carvalho - Se voce trabalhasse ao invés de ficar aí sentado já podia ter acabado, seu moleirão!

Pai - Mas eu estou no intervalo pro almoço!

Carvalho - Intervalo! Eu faço intervalo?! Deixe de asneiras e trate de trabalhar! Afinal de contas, eu sou o responsável para que este carregamento esteja pronto na hora certa.

Pai - (Resmungando) Se o senhor me diz tão tarde, não tenho culpa nenhuma.

Carvalho - (Grita) Agora pare de resmungar! Se ficar com suas rebeldias aqui, tem que tomar cuidado! Espero que a gente se entenda. Ou voce funciona ou então pode procurar um novo trabalho, entendeu?

67.43=2881

Patrícia e Claudio chegam à conclusão de que "ele arrasou o papai, exatamente como papai faz com a gente" e saem cantando pelo caminho de volta ao Gramanchão:

Patrícia e

Claudio - O chefão berra pro Carvalho,
Carvalho berra pro papai,
Papai berra pra a mamãe,
E a mamãe berra pra a gente.
Então
A gente se livra da mamãe
Pois a mamãe se cala pro papai
Pois o papai se cala pro Carvalho
Pois o Carvalho se cala pro chefão!

E, por reconhecerem que fugir não ajuda a dar um fim nesse círculo vicioso, pegam suas coisas e voltam pra casa:

Patrícia e

Claudio - Quem se humilha sente-se mal - puxa vida!
E então estoura com o primeiro à sua frente.
E é sempre a mesma ladainha.
Até vir alguém com quem isso não de mais!
A gente tem só que se defender,
A gente tem só que se defender
E também fazer perguntas que perturbem os outros!

X

Patrícia e Claudio voltam para o apartamento de seus pais, onde já se encontra Ana Maria, que foi contar sobre suas estrepolias. Explicam que e porque queriam ir embora. Com sua mãe, conversam sobre o que fazer agora. Ao surgir o pai, mal-humorado (Seis horas e a mesa ainda não está pronta!), lembra a cena que Patrícia e Claudio haviam observado no pátio de carregamento:

Claudio - Ele gritou bem forte com voce!

Patrícia - Arrasou!

Claudio - E voce não fez nadinha!

Pai - Não fiz - não fiz - agora eu não quero ouvir nada. Sosseguem!

Patrícia - Voce sempre comanda...

Pai - Comandar? Bestagem. Afinal, aqui eu tenho a responsabilidade de...

Patrícia - Foi o que o berrão disse também.

Pai - Se voces ficarem com rebeldia, então podem...

Claudio - Foi o que ele disse também (O pai fica parado, de raiva)

Pai - Acho que vou ficar louco.

Patrícia - Isso ele não disse.

Mãe - Se as crianças quiserem ir embora, ~~KKKK~~ eu também quero ir(...)

Pai - E eu?

Mãe - Voce pode mandar em voce mesmo.

Entram em acordos. O pai teima, e tenta, ironicamente: "Então eu sou um tirano doméstico" e refugia-se em uma resignação intencionalmente engraçada: "Todo seu criado" e passa a uma amarga retórica: "Ora, onde é que está meu avental para a louça?" Mas ninguém acha nada, todos consideram normal que ele faça tal pergunta. O pai está perplexo. E aprende, aos poucos, a nova lição: juntamente com os outros vai cuidar da louça, o que é feito com a canção "A gente tem que se defender".

XI

Ainda com esta canção nos lábios, no dia seguinte chega o pai ao trabalho. Quando surge o chefe, para chicanar-lhe como de costume, o pai vai a seu encontro:

Pai - Agora já basta! Suas reclamações já escutei demais, por muito tempo! Não me deixo afrontar por tanto tempo sem razões! Estou farto dessas chicanas, chefe Carvalho!

68.42-2856

Carvalho - Não precisa se exaltar, ora!...

Pai - Ainda não acabei! Não sou seu boneco e não me deixo esfoliar feito um burro velho! E muito menos por um puxa-saco qualquer, covarde como voce!

O resultado vê-se imediatamente: " Droga, não era mesmo nada disso!" e referindo-se à implicancia do chefe, Carvalho pede paciencia: "O que é que voce faria, então, em meu lugar?" Defender-se, é lógico.

"Carvalhoooooooooo!" Estronda a voz do chefe por trás da cena e Carvalho sai. Irá ele agora também se revoltar?

XII

Em casa o pai conta, orgulhoso, a domesticação de Carvalho. "Seu" Libório quer entrar, para falar com o pai. Mas este não pode atender-lo: está cozinhando.

Libório - Cozinhando? Será que sua mulher foi embora?

Ana Maria- (Fazendo caso) Eles dividem agora tudo.

Mãe - Que é que há agora, "Seu" Libório?

Libório - Preciso falar com seu marido. É sobre o novo apartamento.

Pai - Fale com minha mulher, eu estou ocupado.(sai)

Libório - Bem, é sobre as crianças...

Mãe - Então fale com as crianças. Eu estou ocupada. (Sai)

Claudio - Que podemos fazer pelo senhor?

Patrícia - Podemos ajudá-lo?

"Seu" Libório volta a ameaçar por causa das crianças e pelo novo apartamento, em condições não habitáveis por causa delas (no entanto, as crianças fazem-no ajudar a colocar a toalha na mesa). E foi informado e oficialmente confirmado que também pessoas com crianças tem direito a habitações recém-construídas. Patrícia e